



LIVRO
02

VIUVO
arrogante

MARTA VIANNA

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS





LIVRO
02

VIÚVO
arrogante

MARTA VIANNA

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

LIVRO
02

VIÚVO
arrogante

MARTA VIANNA

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

Copyright© 2022 MARTA VIANNA

Capa: HÓRUS EDITORIAL

Revisão: MARIANA ROCHA

Diagramação: MARTA VIANNA

Dados internacionais de catalogação (CIP)

VIÚVO INTENSO – SÉRIE VIÚVOS INTENSOS - 2

1ª Edição

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Erótica. 3.

Romance. Título I.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio

de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Esta é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor, qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição são reservados pela autora.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Miguel Solano](#)

[Cinco anos depois](#)

[Capítulo 2](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 3](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 4](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 5](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 6](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 7](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 8](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 9](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 10](#)

[Miguel Solano](#)

[Um mês depois...](#)

[Capítulo 11](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 12](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 13](#)

[Aysha Matos](#)

[Dois meses depois...](#)

[Capítulo 14](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 15](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 16](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 17](#)

[Aysha Matos](#)

[Capítulo 18](#)

[Miguel Solano](#)

[Capítulo 19](#)

[Aysha Matos](#)

[Dois meses depois...](#)

[Capítulo 20](#)

[Miguel Solano](#)

[AYSHA MATOS](#)

[DUAS SEMANAS DEPOIS..](#)

[DIAS DEPOIS...](#)

[Capítulo 21](#)

[Miguel Solano](#)

[Epílogo](#)

[Aysha Matos](#)

[Um ano depois...](#)

[Agradecimentos](#)

[MARTA VIANNA](#)



Sinopse

Aos trinta e seis anos, MIGUEL SOLANO é um pintor de quadros em ascensão onde mora. Há alguns anos, ele teve uma grande reviravolta na sua vida, algo que o fez se isolar, tornando-o sério, controlador e arrogante.

AYSHA MATOS é chef de cozinha recém-formada e ama a sua profissão. Após uma decepção em seu último relacionamento, ela se muda para uma cidade desconhecida, de modo a começar uma nova vida. Ao se instalar em seu novo destino, se depara com um anúncio no jornal para uma vaga de chef de cozinha na casa de um artista renomado e não pensa duas vezes ao se candidatar.

Dois mundos completamente opostos entrarão em um verdadeiro atrito, afinal de contas, ela é divertida, e ele, um arrogante.



Capítulo 1

Miguel Solano

Cinco anos depois

Levantei da banquetta e fiquei admirando os quadros que acabara de pintar, ainda estava sujo de tinta a óleo e tentava limpar as mãos com o lenço, colocando-o em seguida sobre os meus ombros.

Suspirei, passando a mão na testa, em seguida caminhei para mais perto das telas, uma delas retratava um ambiente escuro, com uma pequena luz no fim do túnel; todas as artes que pinto são histórias reais que aconteceram na minha vida, ou algo que me chama atenção quando estou na rua, ou em qualquer outro lugar.

Não é que eu guardasse angústia sobre o meu passado, ao contrário, me ajuda bastante a me livrar das lembranças dolorosas que um dia vivenciei. Deixei o ateliê e subi a escada que dava acesso a minha casa e tranquei a porta, não gosto que ninguém entre aqui, apenas eu, nem mesmo a minha irmã, que é a minha assessora. Por isso mantenho tudo muito limpo para que não precise de uma faxineira, não gosto de sujeira e muito menos de pessoas transitando no meu ambiente de trabalho.

Decidi construir um espaço grande para o meu trabalho na minha casa mesmo, reformando o sótão.

Trabalhei diariamente para que hoje pudesse ter peças suficientes para a exposição em Portugal. Fui convidado há cerca de um ano para expor as minhas obras na galeria de Lisboa durante três meses.

Entrei no meu quarto e segui para o banheiro, assim que terminei de tomar banho, a campainha da minha casa tocou,

coloquei o roupão e atendi a porta. Ao abrir, me deparei com Milena segurando duas caixas de pizzas, ela entrou, deixando a bolsa em cima do sofá, e foi andando até a cozinha. Segui ela, prestando atenção na sua pressa. Fiquei olhando, pois ela sabe que não como besteira, sou muito rigoroso quando se trata da minha alimentação.

— Sabe muito bem que eu não como porcarias — reclamei, e ela me olhou de cara feia. Como se dissesse que não ligava para a minha reclamação.

— Estou cansada e faminta, nem quis ir para casa depois da reunião, não reclame, poxa. Comprei as pizzas e resolvi vir comer com você, sei que não deve ter nada pronto na sua geladeira, já que despediu a cozinheira. Aproveitei que Renato está de folga hoje, preciso de uns minutos sem filha e marido, estou exausta, mal durmo, sua sobrinha, apesar de ter apenas três meses, é tão temperamental. E sempre está trocando o dia pela noite, coloquei um lembrete na porta da geladeira para me lembrar de tomar o meu anticoncepcional diariamente — reclamou, me olhando.

— Aposto como ainda não comeu nada. Sei bem como é, quando se dedica a um trabalho, mal se alimenta. Olha essas olheiras enormes, Miguel. Antes da viagem, terá que ir à clínica de estética para melhorar sua aparência, você é tão lindo, meu irmão, mas está um trapo, esse cabelo e barba não veem tesoura há dias.

— Terminou de falar e beijou o meu rosto. Fiquei olhando-a abrir as gavetas do armário, pegando pratos, talheres e colocando sobre a mesa. Foi até a geladeira e pegou a caixa de suco. Se ela não estivesse amamentando, seria cerveja com certeza.

— Já está tudo certo para a sua viagem daqui a uma semana. Sei que ficará uma boa temporada em Lisboa, já decidiu o que fará com a casa? — Me sentei à sua frente e peguei uma fatia da pizza, cortando-a, pois ela tinha razão, não tinha nada de comida na minha geladeira.

— Ficaré aos seus cuidados, como sempre. O ateliê poderá ficar trancado, já terminei as pinturas, então, não há necessidade de limpezas, sabe muito bem que eu não gosto que mexam nas minhas

coisas — proferi, colocando um pedaço da pizza na boca, sentindo o gosto delicioso do queijo derretendo.

— Você e suas manias. Tudo bem, posso olhar a casa, e uma vez na semana venho com a faxineira para a limpeza, menos no ateliê. — pronunciou, revirando os olhos, sorri da sua cara.

Milena é tão engraçada, sentirei falta dela. Sei que, como minha assessora, deveria me acompanhar a esse evento, mas ela acabou de ter o seu bebê e está amamentando, uma viagem assim demorada temo pela criança.

Minha sobrinha é a coisa mais linda que já vi na vida, mas ela lá na casa dela e eu na minha, nunca vi uma criatura tão pequena chorar tanto e alto, e sempre que eu a pego no colo ela me baba todo. Mas é tão linda e cheirosa.

— Meus seios estão vazando, ao que tudo indica, Melinda está com fome, as mamadeiras que deixei com leite já devem ter acabado. Preciso ir para casa, qualquer novidade te ligo. — Tomou

o restante do suco, deu um beijo em meu rosto e saiu apressada. Balancei a cabeça sorrindo, Milena sempre andando às pressas.

Duas semanas depois, eu estava embarcando para Portugal, a minha irmã e minha sobrinha vieram se despedir, meu cunhado não veio, pois estava trabalhando.

Às duas da tarde, sairia o meu voo, e já estava quase na hora de embarcar. Sei que essa viagem será um pouco difícil, visto que eu não queria ter que sair do Brasil por agora, mas Milena me aconselhou que seria ótimo para a minha carreira, dado que fiquei anos sem expor nada, precisei desse tempo para cuidar da minha mente.

Com tudo o que aconteceu, tive os meus dias de luto, minha mente não conseguia assimilar nada naquele momento. Foi preciso anos para me curar de tudo, as cicatrizes ainda estão aqui no meu

corpo, são marcas dolorosas que carregarei pelo resto da minha vida. Entretanto, decidi seguir.

Terei que enfrentar umas dez horas de voo até pousar no aeroporto de Lisboa, e lá já tem uma equipe me esperando, Milena entrou em contato e os contratou para me auxiliar nesses meses que ficarei por lá.

— Sentiremos sua falta, titio. Vê se o senhor arruma uma namorada portuguesa e me dê muitos priminhos — Milena imitou a voz de bebê como se fosse a filha que estivesse falando comigo. Sorri e respondi:

— Isso não acontecerá, minha pequena babona, mas, se pedir a sua mãe, quem sabe ganhe mais dois irmãozinhos até o final do ano. O seu tio já está velho para lidar com fraldas e mamadeiras. E não esqueça, você é uma garotinha linda. — Beije a sua bochecha rechonchuda, e ela fez um som de riso.

Em seguida, abracei a minha irmã, lhe agradecendo por tudo, por ficar ao meu lado, mesmo eu a expulsando às vezes, ela foi paciente e me ajuda até hoje.

— Amo vocês — afirmei, me encaminhando para o check-in.

Depois de mais de dez horas enfim aterrissamos, peguei a pequena bolsa que continha os meus documentos e dinheiro, desafivelei o cinto de segurança e me levantei da poltrona. Ao desembarcar, segui para a área interna do aeroporto, pegando a minha mala. Logo avistei um rapaz com uma plaquinha escrito o meu nome, caminhei na sua direção, nos cumprimentamos e ele me levou até o hotel, ele seria o meu motorista até o final da minha exposição.

— *A galeria de arte Museu Coleção Berardo tem o prazer de apresentar Miguel Solano.* — Me levantei do meu assento e agradei os aplausos.

— *Miguel Solano nasceu no Brasil, na cidade de Nova Primavera, e licenciou-se na London Fashion School, em Londres, e na Escola superior de Artes e Design em sua cidade natal.*

De pé, caminhei pelo grande corredor, sendo aplaudido pelo público, a cada passada que dava, me sentia livre e com as energias renovadas. De fato, eu sentia falta desse calor humano. Fiquei ao lado do apresentador e logo ele passou o microfone para as minhas mãos, a estreia do evento será transmitido ao vivo por um canal da internet e com certeza a minha irmã assistirá.

— Gostaria de realizar um pequeno agradecimento antes, já que não sou muito de palavras, porém hoje é um dia especial, o dia do meu retorno como pintor, confesso que está sendo a melhor experiência que já tive; por cinco anos, me mantive recluso de tudo e todos. Como sempre precisamos de tempo para pôr a cabeça no lugar, para quem me acompanha desde o início da minha carreira, sabe que estou falando. Não voltarei a esse assunto, o meu foco é o

futuro. Quero também agradecer à minha assessora, minha irmã Milena, por toda ajuda. — Encerrei o meu discurso agradecendo.

Em poucas horas, todos os quadros foram vendidos e o sentimento de dever cumprido preencheu o meu peito. Recomeço era a palavra que cabia nesse momento na minha vida.



Capítulo 2

Aysha Matos

Coloquei a última peça de roupa na mala, fechando o zíper, soltando uma longa respiração, lágrimas grossas molhavam o meu rosto, ao olhar em volta do meu pequeno quarto na casa da minha mãe. Voltei para casa depois de morar com Sérgio durante quatro longos meses. Fui até a janela e fiquei por um instante olhando o movimento da rua.

Eu e Sérgio éramos colegas de profissão, nos conhecemos no restaurante em que trabalhávamos, ele era chef de cozinha, e eu, a sua assistente; em poucos dias de trabalho, nos tornamos amigos.

Em menos de um mês, começamos a namorar e logo em seguida fomos morar juntos; minha mãe ainda tentou me aconselhar, dizendo que era cedo para isso, mas eu estava muito apaixonada.

Foi tudo tão depressa e tão intenso. Assim como foi rápido para começar rápido, também terminou. Agora estou aqui pronta para ir embora morar em outra cidade, assim como ele foi também, nossos planos com certeza ele realizará com outra pessoa, com quem decidiu seguir a vida com ela. É doloroso pensar dessa forma? É, mas é a realidade, e não posso me esquecer disso.

Decidi seguir um rumo diferente, irei embora de São Cosme, ainda tentei levar a minha mãe comigo, mas ela decidiu ficar me prometendo que nas férias irá me visitar, ela me deu todo o apoio, mas disse que os problemas não iriam ficar aqui, eles seguiriam comigo.

Saí da janela, coloquei a mochila nas costas, arrastei a mala pelo chão, dando os pequenos passos para uma nova etapa da minha vida.

Fechei a porta do quarto, dando uns passos pelo corredor, logo avistei a minha mãe na sala, ela me olhou e me chamou para perto

dela, me sentei no sofá e deitei a cabeça em seu colo.

— Filha, nada do que eu te disser agora fará essa dor desaparecer do seu peito, mas saiba que ela não durará para sempre, daqui uns tempos será apenas uma lembrança de uma etapa da sua vida, amores vem e vão. Você é uma mulher forte, sempre lutou pelos seus sonhos, e não será agora que deixará de lutar, estou aqui sempre que precisar. — Terminou de falar se inclinando para beijar a minha testa.

Ao me pôr de pé, nos abraçamos, ela não iria me deixar na rodoviária, porque trabalha pela manhã.

— Eu te amo, mãe. Vou te ligar todos os dias e, por favor, continue as caminhadas pela manhã, lembre-se que é recomendação médica — falei, abraçando mais apertado, ela soltou um risinho.

— E você também, se não conseguir um emprego logo e precisar de dinheiro, pode contar comigo, estarei sempre aqui, filha.

— Mais uma vez nos abraçamos.

Dentro do carro, acenei para a minha mãe, que estava parada em frente de casa. Fiquei olhando para ela até que sua imagem foi sumindo. Desci do carro e segui para dentro da rodoviária.

Com a passagem nas mãos e com o coração quebrado, me sentei para esperar a hora da saída do ônibus até a cidade de Nova Primavera. Poderia até estar sofrendo pela decepção, mas uma coisa era certa, iria recomeçar quantas vezes fosse necessário, pois sou forte e desde os meus vinte anos venho lutando para vencer na vida, e acredito que esse dia está muito próxima.

Começou o embarque e entrei no ônibus, seria uma viagem de cinco horas. Sentei-me e coloquei a mochila nas minhas pernas, ainda bem que lembrei de fazer uns sanduíches para a viagem, peguei um e desembrulhei, sentindo o cheiro dos temperos.

Ao olhar para o lado, uma garotinha de olhos enormes estava me olhando com a expressão de fome. Tirei um da mochila e

estendi em sua direção, a mãe dela sorriu, agradecendo. A menininha mordeu o sanduíche, fechando os olhos, saboreando o pão com maionese e peito de peru, com rodelas de tomates.

— Moça, esse sanduíche está uma delícia, foi a senhora que fez? — perguntou, lambendo os lábios.

— Foi sim, que bom que você gostou, a minha especialidade é cozinhar, adoro inventar receitas novas — respondi, animada.

— Prova, mamãe, *né* que é gostoso? — A mãe da pequena garotinha de cabelos enrolados provou e concordou, hoje era a primeira vez que sorria de verdade.

Posso estar triste como for, mas, quando recebo elogios sobre alguma comida que fiz, ganho o meu dia. E hoje essa garotinha me deixou contente.

Fiquei conversando com elas duas durante a viagem, a mãe da Maria me contou que estão indo também para a mesma cidade que eu, o marido dela é mestre de obras e mora na cidade há cerca

de cinco meses; durante os meses, guardou dinheiro suficiente para mandar buscar as duas. Graças a Deus que as conheci , ficarei na mesma pensão que as duas. Sueli disse que, assim que chegarmos na cidade, ligará para o marido para perguntar se onde ele mora tem algum quarto vago.

Tivemos uma única parada até chegar na cidade, descemos e fomos ao banheiro do posto de gasolina. Compramos refrigerantes e comemos com o restante dos sanduíches que sobrou.

Quando deu por volta das nove horas da noite, a pequena faladeira dormiu, eu não consegui, fiquei pensando na minha vida, estava muito agitada, deitei a minha cabeça no encosto do banco e fechei os meus olhos, imaginando uma vida feliz na nova cidade.

Uma semana depois de chegar à Nova Primavera e procurar por emprego na minha profissão ou de ajudante, mas só tive

respostas como “*não tem vaga*”, não me deixei desanimar, nunca fui de esmorecer diante das dificuldades.

Costumo dizer que a música me ajuda muito, sempre que estou enfrentando alguma dificuldade, coloco nos meus fones de ouvidos uma música e começo a dançar, Sueli diz que a tristeza vai embora na hora, que ela nunca viu ninguém tão feliz quanto eu.

Sempre digo que só não tem jeito para a morte, estando com saúde, corremos atrás das coisas.

Com o pouco dinheiro que me restava, comprei carne para preparar algumas marmitas para o seu Álvaro, o marido da Sueli, vender na obra onde ele trabalha, ele disse que nem todos levam comida de casa e tem que andar até o restaurante e que a comida é um pouco cara.

Estou morando no quarto ao lado dos deles, confesso que eles têm me ajudado muito, não me sinto sozinha, e tem a companhia de Maria, que diz que também será chef de cozinha quando crescer.

Todos os dias converso com a minha mãe, estou morrendo de saudades dela; como sempre, ela me pergunta se estou precisando de dinheiro. Graças a Deus que as poucas economias que tenho estão dando para me manter.

Cheguei por volta das cinco da tarde e não consegui nada novamente, amanhã irei até os restaurantes da zona norte, é longe, mas não tenho como escolher nada no momento, paguei dois meses de aluguel antecipado, ainda bem que o quarto já tem cama, um fogão, uma geladeira, para mim, já é o suficiente.

Depois do banho, coloquei uma roupa confortável e fiquei por dentro das notícias, coloquei o meu celular na pequena mesa e me sentei perto para assistir ao jornal, meu celular é tão antigo que é daqueles que tem televisão, tenho ele há quase quatro anos, ser formada em gastronomia ainda não me deu ao luxo de comprar um celular melhor.

Bocejei assim que o apresentador deu boa-noite, me levantei, pegando uma garrafa na geladeira, levando para o pequeno quarto com o celular.

Deitei-me na pequena cama de solteiro, logo começou a cair uma chuva forte com relâmpagos e trovões, duas coisas que eu mais tenho medo, coloquei a coberta cobrindo todo o meu corpo e fique de olhos fechados, se faltar energia, será pior.

Mas que boca grande tenho, mal terminei de falar e ficou tudo escuro, peguei o meu celular na mesinha ao lado; para me acalmar, coloquei uma música baixinho, fechei os meus olhos e comecei a acompanhar a melodia, nem vi a hora passar, e para completar a minha falta de sorte, uma pequena goteira começou a pingar na minha cabeça, o jeito foi me levantar e ir buscar um recipiente para aparar a água para não molhar a cama.

Poucas horas depois, a energia voltou. Como estava sem sono, resolvi fazer uma faxina no pequeno cômodo, outra coisa que

sei fazer muito bem é arrumar uma casa. Aproveitei e lavei as minhas roupas que iria deixar para lavar no final de semana e lavei os únicos três pares de tênis que tenho.

Voltei para cama às duas e meia da madrugada, teria que me acordar às cinco para preparar as marmitas para o seu Álvaro levar para vender na obra.

Dois dias depois, voltando de mais uma procura por emprego, avistei a Sueli em frente à pensão olhando a Maria brincar com as outras crianças. Sentei-me ao seu lado e suspirei pesadamente.

Ela me olhou e percebi que em sua mão ela segurava um jornal, pedi para ler rapidamente e fui logo na página dos classificados, peguei a minha agenda e anotei um endereço para uma vaga de cozinheira na casa de um pintor de quadros. Terminei de escrever o endereço e entreguei o jornal de volta para Sueli, ela me olhou e viu que eu estava mais aliviada e sorria.

— Aconteceu alguma coisa, Aysha? — indagou, de olho nas crianças.

— Acabei de saber de uma vaga para cozinheira na casa de um pintor de quadros, é longe, mas não tem nenhum problema, acordo mais cedo para não me atrasar, caso eu seja a escolhida. Já anotei o endereço e estarei lá amanhã no primeiro horário, é agora ou nunca. E estou sentindo que dessa vez a vaga é minha — disse, me levantando, pensando positivamente sobre a vaga.

Entrei em casa, tomei um banho e comecei a escolher a roupa que usarei na entrevista, irei bem arrumada para dar uma boa impressão.



Capítulo 3

Miguel Solano

Retornei há Nova Primavera há duas semanas, depois de passar três meses em Portugal a trabalho, fui muito bem recebido e ganhei prêmio de melhor pintor de quadros obscuros, participei de vários canais de entrevistas; como já era conhecido nesse meio, fiquei mais ainda depois de expor os meus quadros em Lisboa, além disso, surgiram vários convites para expor em outros países. Milena já está avaliando algumas propostas.

Hoje jantarei em sua casa para comemorar o sucesso da exposição, claro que ela sabe que eu não gosto de bajulação, faço o meu trabalho sem esperar elogios de ninguém, nunca precisei de opinião de terceiros para fazer o meu trabalho, ainda mais de pessoas que nem me conhecem. Mas, se tratando da minha irmã, se eu não aceitar, ela ficará um mês magoada e reclamando que eu não sou um bom irmão e que não gosto dela. Sim, ela é dramática.

Saí do banho com a toalha enrolada na minha cintura, peguei uma cueca na gaveta do *closet* e vesti, deixando a toalha em cima da cama. Em seguida, peguei uma calça jeans e vesti, optei por uma camisa branca e por cima uma das jaquetas de couro que gosto de usar, ainda mais quando ando de moto.

Liguei o secador e comecei a secar o meu cabelo, terminando de fazer um penteado, Milena diz que sou obcecado no meu cabelo só porque sou vaidoso e gosto de cuidar. Me olhei no espelho, ajeitando alguns fios loiros que estavam caindo na minha testa.

Calcei o sapato, passei um pouco de perfume e saí de casa pegando a minha carteira, celular e a chave da moto no aparador.

Tranquei a porta de casa, saindo da garagem, acelerei a moto ao entrar na rua. A casa de Milena ficava em outro bairro, Renato herdou a casa quando os pais faleceram depois que eles se casaram, como eles pagavam aluguel, resolveram se mudar para lá.

Parei no sinal e olhei para o carro ao lado, dentro, tinha duas loiras que sorriram na minha direção, umas delas passou a língua pelos lábios sensualmente tentando me seduzir, sorri, balançando a cabeça. Uma pena que ela não faz meu tipo.

Acelerei, quando o sinal abriu, ainda ouvi a buzina do carro que elas estavam, se fosse duas morenas, com certeza as convidaria para ir ao motel comigo e foderia as duas.

Estacionei a moto em frente à casa da minha irmã e subi os três degraus que levavam até a porta. Toquei a campainha e logo ela abriu sorrindo com Melinda no colo, ela me cumprimentou com um beijo no rosto e me entregou a pequena babona, ela estava enorme, tinha até cabelos. Quando fui para Portugal, ela tinha apenas três meses e era careca.

— Ela está enorme, está dando fermento para ela? — perguntei, me sentando com Melinda no sofá. Ela começou a puxar

a minha barba e tentar mexer nos meus cabelos. Tive que ficar desviando das pequenas mãozinhas mexelhonas dela.

— Está enorme e mais bagunceira que antes, quando não consegue o quer, começa a gritar — Renato disse, se aproximando com o carrinho rosa, Melinda começou a esticar os braços, pedindo para ele pôr ela dentro. Assim que o fez, ela começou a andar pela casa, tentando mexer nas coisas.

— Isso tudo é culpa do pai que faz as vontades dela — Milena gritou da cozinha, nos fazendo rir.

— Como vai, Miguel? — Renato me entregou um copo com uísque. Peguei o copo, agradecendo.

— Tudo bem. Estou tentando me acostumar com o fuso horário novamente — expliquei!

— Sei bem como é, na última vez que fiz uma viagem de trabalho, passei uma semana me confundido, sentia muito sono pela manhã, à noite, não conseguia dormir. Meus parabéns pela

exposição, eu e Milena assistimos, pela Internet, à abertura. Seus quadros venderam em menos de meia hora, Milena acompanhava as vendas direto, quase não dormia. — Sorri, pois, acredito que Milena acompanhou cada detalhe, mesmo de longe, ela é um excelente profissional, e não é porque é minha irmã, mas ela cuida muito bem de tudo.

Bebi um pouco do uísque e fiquei admirando os dois arrumando a mesa do jantar, sempre trocando beijos e carinhos, suspirei pesadamente, recordando uma parte da minha vida que não voltaria mais. E que todos os dias fazia um grande esforço para não lembrar, não que eu não gostasse, é que todas as vezes que lembrava ia ao inferno por dias.

Milena avisou que o jantar seria servido. Nos sentamos em volta da mesa, Melinda, em sua cadeirinha, fazia bagunça, comendo legumes, deixando a metade cair, e tentava pegar com tanto sacrifício, pois sua mãozinha era tão pequena. Imaginei que, se não

tivesse acontecido o acidente, eu estaria assim com a minha família.

Mas o destino foi tão perverso comigo, me tirando tudo.

— Nos conte mais sobre sua temporada em Lisboa, Miguel?

— Milena quis saber enquanto amamentava a filha, que cochilava esfregando os olhinhos. Tínhamos acabado de jantar, estávamos na sala conversando. Não quis mais beber, pois estou de moto.

Recordei-me da noite do acidente, quando abri os meus olhos e percebi estar no hospital cheio de fios sobre o meu corpo, fiquei tão desesperado que comecei a gritar e novamente fui sedado, ao acordar, não lembrava de muita coisa.

— Miguel? Meu irmão, está tudo bem? Estou te chamando há alguns e você com a expressão congelada, como se estivesse voltando ao passado. — Milena não estava mais segurando a filha, com certeza Renato a levou para o quarto.

— Desculpa, mas não estou muito bem, acredito que devido à viagem, costumo dormir mais cedo — expliquei, me levantando

depressa. — Preciso ir.

— Calma, Miguel, você não está bem. Teve algum *flashback* daquela noite? — Milena estava realmente preocupada, mas eu não queria conversar, queria ir para casa, me sentia sufocado por lembrar do passado.

— Depois te ligo. — Beije o seu rosto e saí de sua casa apressado.

— Precisamos conversar sobre a chef de cozinha que contratei ontem para cozinhar para você, temos que conversar a respeito do cardápio — Milena falava e andava às pressas tentando me alcançar.

Parei e disse:

— Outro dia conversaremos, ou melhor, lhe dou carta branca para decidir tudo, o importante é ela não ultrapassar os meus limites. Agora entre, não pode ficar sozinha a uma hora dessas na rua. Estou bem, pode confiar. — Dei um sorriso fraco e fiquei

esperando Milena entrar, assim que entrou, liguei a moto e acelerei, querendo chegar logo em casa. Queria descer até o meu ateliê e descarregar toda essa dor no meu trabalho. Pintar quadros escuros referentes à dor, à perda. Pintar até não aguentar mais e cair exausto no sofá que sempre uso para dormir quando tenho essas crises.



Capítulo 4

Aysha Matos

Vislumbrei o meu rosto no pequeno espelho na parede do banheiro e sorri. Eu não dormi quase nada, mas, às seis horas, já estava de pé, a minha entrevista é às oito, estou tão ansiosa que não consigo parar quieta. Já fiz café, já tomei e acabei de tomar banho, aproveitei e lavei os meus cabelos, ontem, com o dinheiro das marmitas que seu Álvaro vendeu, comprei meus produtos de higiene pessoal.

Comprei um kit pequeno de maquiagem, não levo muito jeito, mas sei fazer o básico. Com a toalha enrolada no meu cabelo, terminei de passar o batom claro em meus lábios, passei um pouco de creme no meu corpo e coloquei o meu vestido na altura do joelho, peguei o par de sapatilhas e os deixei perto da porta. Ao terminar de me arrumar, tirei a toalha do meu cabelo e o penteei, deixando-o solto, pois logo secará. Peguei a minha bolsa, calcei as

sapatilhas e saí pela porta, trancando-a. Sueli estava estendendo roupas no varal e, quando me viu, sorriu.

— Aysha, você está tão linda — elogiou, se aproximando mais de mim.

— Resolvi caprichar, estou com pressentimento tão bom em relação a essa entrevista, por isso resolvi caprichar. Me deseje sorte — falei passando pelo portão, indo na direção do ponto de ônibus.

— Boa sorte, menina, rezarei por você agorinha. Farei um bolo para quando você chegar comemoramos o seu novo emprego.

— Acenei seguindo o meu caminho.

Desci do ônibus na rua principal do Condomínio Village. Ao parar na entrada, fui liberada e segui até o local, senti o ar frio ao entrar no condomínio, segui andando até chegar em frente à mansão. Todas as casas eram lindas, com certeza quem mora ali

deve ter uma vida muito boa, viver em um lugar com muita segurança sem se preocupar com o perigo de ser assaltado.

Contive o meu nervosismo e me concentrei. A entrevista seria na casa do artista, uma casa muito grande e repleta de quadros, tenho certeza de que, mesmo trabalhando por anos, não conseguirei pagar por um quadro desses, mas também não sei se gostaria de ter um na minha casa. Os quadros têm imagens tão escuras, coisas que retratam dor, mas também tem uns que não são obscuros e passam uma energia mais leve. Mesmo assim, não queria ter um.

Parada na porta, dei duas batidas, a empregada abriu a porta e me encaminhou até o escritório. Entrei e fui recebida por uma mulher linda, de cabelos escuros e olhos claros, ela me deu um sorriso e pediu para me sentar, pois iria me fazer algumas perguntas.

— Bom dia, Aysha, sou Milena Solano, assessora do Miguel e irmã, irei prosseguir com a entrevista — disse, aproveitei para entregar o meu currículo para ela. Assim que pegou os óculos de grau, começou a ler.

— Pelo seu currículo, vi que se formou recentemente e estagiou em dois restaurantes em outra cidade e tem vinte e cinco anos. Gostei bastante das recomendações em seu currículo, Aysha, meu irmão é muito exigente quando se trata da sua alimentação. Vou te confessar que, em menos de um mês, ele já dispensou três chefs, quero deixá-la avisada quanto a isso. Miguel não dá segunda chance, ele não gosta de atrasos, pois segue uma rotina. Então, Aysha, dos cinco chefs que apareceram para a entrevista, eu gostei de você, pois se comunica bem e respondeu às perguntas de forma coerente. Tenho certeza de que, se Miguel pudesse escolher, talvez ele escolhesse você. Então pensarei como se fosse ele. Farei uma experiência com você durante trinta dias, Miguel dará a palavra final. Tudo certo para você?

— Por mim, está ótimo, e não se preocupe quanto ao horário, já tenho certa experiência em acordar cedo e cumprir a minha carga horária — falei me levantando e estendendo a mão para ela.

— Agora vou lhe apresentar a cozinha, pois é nela que você irá passar a metade do dia — disse se levantando e a segui.

A cozinha era tão linda, o sonho de cada chef de cozinha é ter uma assim, eu passaria horas aqui cozinhando, e não me cansaria. O lugar era todo planejado, todas as cores combinando. Sorri entusiasmada com tudo.

— A cozinha é linda e já estou ansiosa para começar a trabalhar. — Milena sorriu, em seguida, voltamos para o escritório para tratar da contratação.

— Não te disse que seria contratada? Imagina quando esse homem provar o sanduíche que você faz — Sueli disse, colocando

duas xícaras na mesa para tomarmos café com bolo, Maria estava brincando na rua com as outras crianças.

— Ele não come sanduíches, a alimentação dele é bastante rigorosa, ele segue uma dieta e, quando quer comer algo diferente, avisa. Dever ser aqueles idosos que têm certas intolerâncias aos alimentos. Mas irei tirar de letra, fiz um curso sobre esse tipo de intolerância a alimentos.

— Credo, como que vive sem comer um sanduíche, ainda mais os seus, que são deliciosos — Sueli disse, colocando uma fatia de bolo no prato, estendendo na minha direção. Sorri do seu comentário.

Cortei um pedaço do bolo e o chocolate derreteu, caindo pelas beiradas do prato, coloquei um pedaço na boca e gemi com o gosto delicioso.

— Esse bolo está uma delícia, vou aceitar um pedaço para tomar café amanhã. Aproveitarei para dormir cedo, estou tão

cansada. Hoje resolvi assuntos referentes à contratação, fiz exames, passei o dia fora. — Terminei de falar e bocejei.

— Deixe-me pegar uma vasilha para pôr o pedaço de bolo para você. — Fiquei esperando Sueli voltar com o pedaço do bolo, assim que ela voltou, me despedi dela e entrei em casa, coloquei a vasilha em cima da mesa com a minha bolsa. Tirei as sapatilhas, sentindo o alívio entre os meus dedos.

Depois de me despir, segui para o banheiro e tomei um banho relaxante com água fria. Vesti uma blusa grande com uma calcinha e me lembrei de ligar para a minha mãe, contando a novidade. Disquei o seu número e ela atendeu ofegante, mas logo disse estar caminhando na praça e que iria se sentar para conversarmos.

Ainda disse para ela ir acabar a caminhada, que mais tarde ligava, mas ela disse que já deu três voltas na praça. Então me deitei na cama e começamos a conversar, ela vibrou quando disse que consegui um emprego na casa de um senhor que pintava

quadros. Iria fazer a experiência de um mês, mas tinha certeza de que seria contratada. Ela me disse que também acreditava que sim, pois sei cozinhar muito bem. Quando lhe contei que ele era chato quando se tratava da sua alimentação, ela foi logo me dando o diagnóstico, ele deve ser cardíaco, diabético ou tem colesterol alto. Comecei a gargalhar e ela me acompanhou na risada. Depois de quase meia hora conversando, me despedi dela, prometendo ligar na segunda-feira para contar sobre o trabalho e falar mais desse patrão “doente”.

Depois de fechar a porta e janela e de apagar as luzes, fui me deitar para descansar, nem assistirei à novela hoje, não aguento, estou morrendo de sono. Deitei-me, em seguida, me cobri e ainda fiquei pensando sobre o dia de hoje, mas não aguentei, fechei os meus olhos e finalmente peguei no sono.



Capítulo 5

Aysha Matos

Desci do ônibus e segui o restante do caminhando a pé, não era longe onde trabalharia, a casa ficava na área nobre de Nova Primavera, tinha que andar cerca de cinco minutos até a casa em que iria trabalhar, já tinha vindo aqui quando fui entrevistada para o cargo.

Ao parar em frente ao grande portão de ferro e me identificar com um dos seguranças, entrei, seguindo o caminho de pedras brancas que ele me indicou. O quintal é grande e tem várias plantas, algumas estão precisando de cuidados, algumas palmeiras pequenas estão com folhas secas, as roseiras maltratadas. Eu não consigo deixar de observar o local que costumo frequentar. Talvez possa sugerir que ele contrate um jardineiro. *Fique na sua, Aysha, sua obrigação é apenas cozinhar.* Minha consciência é bem mais ajuizada que eu, sempre me lembrando das coisas. Mexi a cabeça, espantando esses pensamentos.

Quando ia bater na porta por onde os funcionários entram, uma senhora saiu por ela com cara de brava, resmungando algo que não ouvi, dei bom-dia, mas ela não respondeu. Talvez ela seja a faxineira. Entrei e logo observei a dona Milena, assim que me viu, veio me cumprimentar toda sorridente.

— Bom dia, Aysha — me cumprimentou, mexendo no celular.

— Bom dia, dona Milena! — cumprimentei de volta educadamente.

— Só um instante, Aysha, tenho que atender uma ligação, já conversaremos sobre o trabalho — pronunciou, se afastando, mas deu muito bem para ouvir a conversa, não que eu estivesse interessada em ouvir, mas não sou surda, e não podia sair dali e ficar xeretando a casa dos outros.

— Francamente, Miguel. Dona Celestina disse que não trabalha mais aqui, ela me disse que você, antes de sair para correr, foi bem arrogante com ela. Reclamou da presença dela pelos cantos

da casa e disse que ela não realiza um bom trabalho. Como você quer que ela trabalhe sem estar presente no local? Ainda disse que, se ela não gostasse, era só ir embora, como se fosse simples assim. Sinceramente, não vou mais ficar contratando faxineiras para em menos de dois meses você demitir. A chef de cozinha já está aqui para preparar a sua refeição, por favor, ao menos tente não demitir nenhum funcionário mais, pois a cada entrevista fica difícil tentar contratar alguém quando falo o seu nome. — Fiquei de queixo caído, ele deve ser aqueles idosos bem chatos. Fiquei parada onde eu estava, esperando a dona Milena retornar.

— Desculpe, Aysha, meu irmão, às vezes, passa dos limites, venha, deixe-me mostrar a cozinha. Com certeza ele já deve ter feito o cardápio para os dias da semana. Fui ao supermercado ontem e abasteci a dispensa, caso falte algo, pode me ligar, aqui está o meu número, já anotei o seu. Agora preciso ir, estou sentindo que a minha pequena sapequinha já deve ter acordado.

— Você tem uma filha? — perguntei animada demais, eu adoro crianças.

— Tenho sim, se chama Melinda e tem seis meses. — Milena mexeu no celular e me mostrou uma foto da sua bebê, ela é tão linda, a cara da mãe.

— Uma princesa, se parece com você. — Ela sorriu encantada.

Depois de mais algumas recomendações, nos despedimos e comecei o meu trabalho, antes, vesti o meu uniforme, coloquei a touca e o avental. Fui até um quadro e vi o cardápio do almoço, vi também no balcão alguns temperos separados, como se eu não soubesse cozinhar. Quase reviro os meus olhos, se ele sabe cozinhar, para que contrata uma chef? *Porque ele é rico, Aysha.*

Minha consciência mais uma vez entra em cena e cheia de razão. No café da manhã, frutas, iogurte com granola, café sem açúcar, queijo, ele não come pão, gosta de pão de queijo. Coloquei

o pão de queijo no forno para assar. O café é servido às nove, pois ele sai cedo para correr. Assim que terminei de servir a mesa, me retirei.

Cardápio do almoço.

Arroz integral. Filé de peito de frango grelhado.

DICA: Eu gosto de páprica defumada, açafrão e sal no filé, apenas. Salada bem colorida. Observação: Feijão tem que ser preparado na hora e não gosto de comer nada que seja congelado. Por isso, prepare pouca porção. Almoço sempre ao meio-dia e meia, quando estiver tudo preparado, sirva à mesa, e não precisa ficar, gosto de comer sozinho.

Terminei de ler suspirando bem devagar para não ter uma síncope. Que cara arrogante, trata os empregados como se fossem nada. Mas, como preciso desse emprego, ficarei na minha, quer almoçar só, almoce. Que tenha um bom almoço e não se entale, pois não terá ninguém para bater nas suas costas.

Comecei a preparar o cardápio para o almoço, como ele não gosta que sobre comida, fiz apenas duas porções; no jantar, ele prefere algo mais leve.

Deixei o meu celular em cima do balcão tocando uma música baixinho, a música me ajuda a me concentrar. Por volta de meio-dia e vinte, servi a mesa e saí, deixei tudo que ele exigia no cardápio e fiz suco de laranja-lima. No jantar, ele disse que se serve, apenas tenho que deixar tudo pronto. Assim que terminar de almoçar, irei arrumar a cozinha, não gosto do ambiente em que trabalho bagunçado.

Por volta das dezessete horas, preparei o jantar, fiz berinjela recheada com frango e legumes, suco de abacaxi com hortelã e, de sobremesa, um pudim de leite. Tenho certeza de que ele não achará ruim, no cardápio não estava escrito, supus que ele deve ter esquecido e, à noite, é bom comer algo doce, quem sabe assim adoça a vida dele. Assim que terminei, troquei de roupa, saí pela porta dos fundos e fechei em seguida, passei pelo segurança,

esperei o portão ser aberto e saí, sentindo o vento frio soprar o meu rosto. Cheguei ao ponto de ônibus e fiquei esperando por mais de meia hora, a noite é mais demorado, o ponto estava cheio, maioria é de empregadas domésticas que trabalham nas mansões. Assim que o ônibus parou, entrei e, como a minha falta de sorte é tanta, estava lotado, fui em pé mesmo.

Desci do ônibus sentindo as minhas costas arderem, caminhei mais um pouco e entrei na pensão, Sueli deve ter saído, pois a janela da sua casa está fechada. Ao entrar em casa, fui direto para o banho, estava cansada não pelo trabalho, mas por ter vindo em pé no ônibus. Fiz um sanduíche, comi tomando o resto de refrigerante que estava na geladeira, escovei os dentes e caí na cama. O sono demorou a chegar, só pensava no chato do meu patrão e no seu cardápio perfeito, ele ainda teve audácia de separar os temperos, pensa que passei anos na faculdade brincando de fazer comida. Ele é um arrogante e chato também. Com esses pensamentos, fechei os olhos e adormeci.



Capítulo 6

Miguel Solano

Cheguei da minha corrida matinal às onze e meia e fui logo para o banho, estava exausto, suado e sentindo calor, não pude deixar de sentir o cheiro de comida que vinha da cozinha, parei por um instante, travando uma luta interna se entrava ou não para bisbilhotar quem estaria cozinhando, fiquei apenas ouvindo o barulho alto do celular, parecia ser um vídeo de culinária que a cozinheira estava assistindo enquanto cozinhava. Mas decidi subir e tomar meu banho, com certeza o meu almoço não atrasaria, Milena deve ter avisado sobre eu não gostar de atrasos.

Entrei no meu quarto, deixando o meu celular em cima da mesinha com o fone, passando direto para o banheiro, tirei o tênis, a camisa suada com a bermuda e entrei no box, ligando o chuveiro, suspirei quando a água fria caiu sobre o meu corpo, me relaxando por inteiro. Peguei um pouco de xampu e coloquei na minha cabeça, esfregando o meu couro cabeludo, em seguida, ensaboei o meu corpo com sabonete.

Depois de sair do banho, sequei os meus cabelos e vesti uma roupa confortável. Faltando cinco minutos para o almoço, desci, daqui a pouco terei que trabalhar no ateliê, meu celular vibrou com uma mensagem chegando, olhei, era Milena perguntando se ainda não tinha demitido a chef de cozinha, sorri, guardando o celular de volta no bolso.

Não foi a minha culpa se a faxineira se demitiu , a mulher não sossegava e demorava horrores para limpar um cômodo, não gosto de barulho, e muito menos de alguém no meu caminho me atrapalhando, tirando a minha concentração.

Entrei na sala de estar para almoçar e vi que a mesa estava posta. Como disse que não gostava de desperdício, a chef fez conforme ordenei. Sentei-me, colocando o guardanapo sobre o meu colo, observando a arrumação do prato, tudo de modo muito profissional. Cortei um pedaço do filé de frango e levei à boca para provar, quase fecho os meus olhos sentindo o gosto delicioso, os temperos não estão fortes, você identifica cada sabor, o filé está macio do jeito que eu gosto, a salada bem temperada, nem é preciso falar do feijão e arroz, quem quer que esteja cozinhando é uma excelente profissional e não ficou para saber a minha opinião, como os outros chefs, coisa que eu detesto.

Terminei, sentindo a satisfação de provar um prato tão delicioso, amanhã com certeza direi para fazer uma porção maior, já que me deixou com gosto de quero mais. Terminei de tomar o suco e me levantei ainda com vontade de conhecer a pessoa que fez esse excelente prato.

Passei o dia no ateliê pintando, de vez em quando vinha na minha mente a refeição deliciosa que comi, e conseqüentemente a chef que preparou, mesmo eu não a conhecendo, nem sei como é o seu rosto. Balancei a minha cabeça para espantar esse pensamento totalmente errado.

Por volta das dezoito horas, esquentei o jantar no micro-ondas e novamente pude me deliciar com o tempero do prato, berinjela bem recheada com legumes e pedaços de frango, limpei os lábios e me levantei. Levei a jarra de suco para guardar na geladeira e vi um pudim, franzi o cenho confuso, já que não pedi para fazer doces, não sou muito de comer, ainda mais à noite. Amanhã deixarei um recado sobre isso.

Deitei-me na cama, apagando a luz do abajur, o sono demorou a chegar como sempre, rolei de um lado para o outro, quando finalmente consegui dormir, os fantasmas do meu passado vieram me atormentar.

Me encontrava sozinho, deitado no chão, todo sujo de sangue, olhei para todos os lados e não vi a minha esposa Giovana, chamei por seu nome, e nada. Era como se eu estivesse dormindo sem poder me mexer, ouvi uma voz me acalentando, dizendo que estaria sempre comigo e ela foi sumindo. Abri os olhos gritando desesperado, estava suado e ofegante, me levantei, verificando as horas no relógio, eram duas horas da madrugada.

Tão cedo não iria conseguir dormir novamente, descii até a cozinha para beber água. Ao abrir a geladeira, me deparei novamente com o pudim. Lembrei-me que Giovana adorava fazer doces, uma vez ela foi fazer pudim pela primeira vez, o doce saiu pela metade, o resto ficou grudado no fundo do recipiente, nesse dia rimos tanto e comemos o doce sentados no chão da cozinha com a forma de pudim ao nosso lado. Sorri, pegando o doce da geladeira e levando à mesa, era um pudim pequeno, peguei a colher, provando um pedaço, dessa vez fechei os olhos, diria até que soltei um

pequeno gemido de satisfação. Me sentindo bem novamente, voltei para o quarto.

Depois da corrida, peguei a minha moto e fui até a casa de Milena, precisava conversar com ela sobre a faxina da minha casa. Tinha três dias que a faxineira pediu a conta. Acreditei que Milena fosse contratar outra. Meu nariz começou a coçar, os móveis estão empoeirados.

Estacionei a moto em frente à sua casa e toquei a campainha, a empregada atendeu a porta e entrei, perguntando por Milena, ela me disse que estava no escritório, caminhei até lá, batendo na porta e entrando quando ouvi a sua voz autorizando. Quando viu ser eu, me olhou confusa.

— A casa está suja e os móveis empoeirados, preciso de uma faxineira — reclamei com Milena, e ela revirou os olhos.

— Não me diga! — disse, quase colocando as mãos na cintura, só não fez porque estava digitando algo em seu Macbook.

— Não consegui outra faxineira, todas que entrevisto e falo para quem elas vão trabalhar inventam uma desculpa e saem dessa sala fugindo como o diabo foge da cruz. — Tirei os óculos escuros e me sentei na cadeira à sua frente. Suspirei pesadamente.

— A mulher me irritava, Milena. Vivia cantarolando pela casa. Sabe que eu não gosto de barulho enquanto trabalho.

— Você não gosta de praticamente nada, Miguel. Mas tem que respeitar a forma dos outros trabalharem, assim como as pessoas respeitam o seu modo de trabalho. Vou tentar encontrar uma faxineira ainda hoje, caso não consiga, pedirei a Silvana, a faxineira aqui de casa, para faxinar a sua casa, mas você que irá pagar o salário dela esse mês — disse, sorrindo. — E a chef de cozinha, gostou dela? — perguntou, olhando para mim, me remexi no meu assento antes de responder.

— A comida é boa, nada de mais, até deixei um bilhete para ela, pois ela fez doces, sendo que não pedi. Ela tem que saber que só cozinha o que eu peço. — Olhei para Milena, que balançava a cabeça em desaprovação.

— Se não fosse o meu único irmão, com certeza eu não te suportaria. Não implica com a moça, se ela fez o doce, foi para deixar uma boa impressão do trabalho dela — disse, se levantando, a babá estava chegando com Melinda.

Peguei a minha sobrinha no colo e ela foi logo mexendo nos meus óculos, que estava na gola da minha camisa. Fingi morder a sua mãozinha, ela começou a rir. Era uma verdadeira sapeca. Despedi-me de Milena, já estava quase na hora do meu almoço, estava ansioso para provar mais um prato feito pela chef e saber o que ela achou do meu bilhete.



Capítulo 7

Aysha Matos

Cheguei no meu local de trabalho, deixei a minha bolsa no armário e troquei a minha roupa no pequeno quarto que os funcionários usam.

Depois de sair, verifiquei o cardápio de hoje e me deparei com um pequeno bilhete deixado perto dos temperos que novamente ele separou. *“Não lembro de ter deixado anotado que queria algum doce”*. Reli umas três vezes o bilhete sentindo raiva, como se eu fosse uma marionete para fazer somente o que ele quer. *Mas é isso mesmo, você tem que fazer o que ele quer*. Minha consciência acusa.

Escreverei um bilhete também, pois vi a tigela na pia vazia, se não queria doces, por que comeu? Peguei a caneta que estava ao lado do papel e comecei a escrever.

“Se não gostou, por que comeu tudo?” Guloso!

Deixei o bilhete e segui com o meu trabalho, hoje faria risoto de camarão, ele pediu para aumentar a porção, sorri, concluindo que ele deve ter gostado da refeição.

Acredito que não tem ninguém em casa, está mais silenciosa do que o normal. Comecei o meu trabalho e coloquei o celular na bancada em um programa de culinária matinal que gosto muito, aprendi várias receitas com a apresentadora, que também é formada em gastronomia. Como ele não disse qual o sabor do suco, decidi fazer de morango. Por volta de meio-dia, terminei tudo e resolvi lavar as louças que usei para fazer o almoço.

Ao terminar, levei o almoço para a mesa e me retirei, dessa vez levei uma porção maior. Servi-me na cozinha e comecei a

almoçar pensando como é a vida desse homem, sempre isolado e sozinho. Como não tinha muita coisa para fazer, fiquei olhando da janela para o jardim esquecido, hoje não farei o jantar.

Ele deixou anotado que não jantaria em casa, suponho que, nos finais de semana, ele saia para jantar fora, já que não come nada congelado e não trabalho nesses dias.

Depois de toda a arrumação na cozinha, já estava quase na hora de ir para casa, ainda tenho que fazer as compras do mês para casa, sempre chego tarde, mas hoje irei direto ao supermercado.

Já estava saindo do banheiro quando escutei a voz da dona Milena, parecia estar falando ao celular ou com o irmão. Ela dizia que não tinha conseguido contratar uma faxineira e não sabia mais o que fazer. Que a culpa era dele, por ser tão controlador e reclamar de tudo.

A voz grave que eu ouvi fez o meu coração acelerar mais do que o normal. “Eu não sou o culpado, sempre deixei claras as

minhas regras, elas que não cumprem”. Nessa hora tive a certeza de que Milena revirou os olhos, pois até revirei os meus. Ela se despediu e saiu.

Então uma ideia veio a minha mente, como eu não faço muita coisa e estou precisando de um dinheiro extra, estou pensando em alugar um apartamento aqui por perto, conheci a empregada de um advogado que me disse que sabe de um lugar com apartamentos pequenos para alugar, como sou sozinha e faço as minhas refeições no trabalho, daria para pagar aluguel com folga e ainda economizaria na passagem de ônibus. Abri a porta e saí, tentando falar com ela. Ainda bem que ela estava destravando a porta do seu carro.

— Dona Milena? — chamei, ela se virou sorrindo e ficou esperando me aproximar mais.

— Desculpe se estou sendo inconveniente, mas não pude deixar de ouvir a sua conversa sobre não ter conseguido contratar

uma faxineira, se a senhora aceitar e me permitir, posso ficar responsável pela limpeza da casa, isso não irá prejudicar em nada o meu trabalho como chef, posso garantir a senhora. — Ela sorriu de modo satisfeita com o que acabei de lhe contar.

— Tem certeza, Aysha? Confesso que estou tentada a aceitar, até agora não consegui ninguém, e Miguel não para de perturbar, ele tem alergia a poeira e ultimamente não está conseguindo se concentrar no trabalho. Mas a culpa é dele mesmo, pois é um teimoso.

— Claro que sim, é só me dizer os cômodos que devo limpar e o que mais devo cuidar na casa.

— Claro, vamos conversando, te deixo no ponto de ônibus enquanto acertamos tudo. Você não imagina o peso que tirou das minhas costas, durante a semana, passei o dia atrás de faxineira, mas a fama do Miguel de ser um patrão chato já está correndo nas agências de empregos — pronunciou, ligando o carro.

Milena parou o carro em frente ao ponto de ônibus, nos despedimos e desci do carro. Eu estava feliz, tinha conseguido o emprego de faxineira, juntando com o salário de chef, dará para alugar um apartamento. Nem reclamei de vir em pé novamente no ônibus, menos de vinte minutos desci próximo de casa e resolvi passar no mercado que ficava aberto até tarde, comprei pão para sanduíche, algumas frutas e legumes, sucos e carne. Fui até o caixa pagar. Andei mais um pouco e cheguei em casa, coloquei as compras em cima da mesa enquanto troquei de roupa para fazer algo para comer no jantar. Amanhã era sábado e eu não trabalhava, aproveitarei para ir até os apartamentos e acertar logo o aluguel.

NO DIA SEGUINTE

Saí do pequeno quarto em que morei por menos de um mês, o motivo de ir embora daqui seria porque fica muito longe do meu trabalho, aproveitei o final de semana para me mudar, tranquei a

porta e entreguei a chave ao proprietário. Ao sair pelo portão, avistei a Sueli, me aproximei dela sorrindo, eu já estava com o coração partido por sair de perto dela.

— Boa sorte, minha amiga, precisando de algo, conte comigo

— Sueli disse emocionada.

— Conte comigo também, Sueli, você já sabe o número do meu celular e tem o meu novo endereço, precisando de algo, me procure. — Nos despedimos, eu iria morar perto do trabalho, já tinha alugado o apartamento, estava me sentindo um pouco triste, mas precisava me mudar. Dei um abraço apertado nela, mas cedo tinha me despedido de Maria e do seu Álvaro.

Peguei a minha mala, já tinha colocado a minha mochila nas costas e fui até o carro de aplicativo que pedi, não poderia ir de ônibus carregando a enorme mala. Iria deixar as minhas coisas no apartamento, em seguida, iria trabalhar. Nem liguei para a minha mãe ainda, falarei com ela no meu horário de almoço. Com certeza

ela ficará muito feliz com as minhas conquistas, em menos de um mês morando sozinha em outra cidade.

Depois de deixar a minha mala na minha nova moradia, já estava chegando no trabalho, hoje, além de cozinhar, farei a faxina da casa também.

Entrei cumprimentando o segurança e segui o caminho de pedras brancas. Assim que entrei na casa, já fui logo observar o cardápio e novamente me deparei com um bilhete.

“Guloso? Você me chamou de guloso?”

Estremeci lendo mais de uma vez o bilhete. Não pensei nas consequências quando decidi escrever para chamá-lo guloso, foi no calor da emoção. Será que ele vai me demitir? Deus, que o Senhor não permita que isso aconteça.



Capítulo 8

Miguel Solano

Passava das vinte e duas horas quando cheguei em casa. Fui a uma reunião de trabalho com Milena, um grupo de chineses está querendo expor o meu trabalho em um museu na China.

Milena sugeriu que eu realizasse um jantar aqui em casa e os convidasse para estudar melhor a proposta deles. Ela ainda disse que devo falar com a chef de cozinha que trabalha aqui em casa para preparar o jantar; como será em um sábado, pago um extra para ela. Depois que ela me chamou de guloso, não sei se a chamaria. Ainda não engoli o bilhete dela, ela que fez o doce, eu não pedi.

Estacionei a moto na garagem e entrei em casa, acendi a luz da sala e subi a escada, indo para o meu quarto. Depois de um banho coloquei o meu roupão e desci até a cozinha para beber água e procurar por um analgésico, estou com uma leve dor de cabeça. Ao abrir a geladeira e tirar uma garrafa de água, meus olhos foram direto para o balcão e observei o bilhete sobre ele. Confuso, caminhei até onde o papel estava. Peguei e comecei a ler, sentindo os pelos da minha nuca se arrepiarem com a ousadia da chef de cozinha.

“Você reclamou, mas comeu o doce todo. O que quer que eu pense? A propósito, farei um doce de chocolate dessa vez”.

Reli uma três vezes o bilhete para ter certeza se era aquilo que estava escrito mesmo. Bufei e pensei em uma forma de revidar, não gostei, ela é intrometida. Alguns segundos pensando, então, resolvi falar do barulho do celular que sempre escuto quando passo pela cozinha.

“A propósito, senhorita, se quiser uma folga na semana para ir à consulta com o otorrinolaringologista, está liberada. Penso que tem problemas de audição, o som do seu celular é muito alto. Deve ser porque é antigo”.

Sorri, deixando o bilhete no mesmo lugar. Estava adorando esse jogo.

NO DIA SEGUINTE

Terminei o café que a chef havia preparado, confesso que estava ansioso pela resposta do bilhete que havia deixado ontem à noite.

Fui até a sala, pegando o jornal para ler. Deparei-me com barulhos de conversas ao lado de fora da casa, fui até a janela e vi uma loira não muito alta mexendo nas roseiras cortando algumas rosas, ela sorria para o senhor Tenório, o jardineiro, ele pegou a tesoura de sua mão e cortou uma rosa branca e entregou para ela, que levou ao nariz, inalando o cheiro da rosa.

Seu sorriso era tão puro. Mas quem seria ela? Ela pôs a mão na cintura e fez um movimento para trás, em seguida, para frente, percebi estar se alongando. Pegou a rosa e colocou no bolso do avental. De repente, começou a dançar sorrindo, ela conduzia movimentos giratórios e cantava ao mesmo tempo.

Peguei-me por instantes sorrindo, me lembrei da minha esposa Giovana, ela era tão alegre. Confuso, saí da janela e fui para o meu ateliê. Antes, peguei o meu celular para ligar para Milena, preciso saber quem é essa mulher. Minha irmã não atendeu, a chamada caiu na caixa de mensagem, então desisti de tentar.

Desci os degraus, abrindo a porta; ao me aproximar da pintura que estava pintando, decidi começar uma nova. Peguei uma tela em branco comecei a traçar o desenho, era um jardim, algumas rosas estavam secas e caídas no chão. Quando dei por mim, tinha feito uma cabeleira loira em um corpo esguio com movimentos de danças, rapidamente comecei a borrar o desenho, deixando-o irreconhecível.

Soltei o ar que nem percebi que estava prendendo, eu não faço desenhos felizes, muito menos coloridos. Voltei para a minha pintura obscura, entretanto, o amarelo não saía da minha mente. Eu nem gosto de loiras! Sem conseguir terminar a pintura, deixei o ateliê me sentindo sufocado.

Depois do almoço, decidi ir jogar uma partida de tênis com os amigos. Desde o meu retorno ao Brasil que não frequentei mais o clube, e hoje estou entediado, preciso me distrair. Como sempre, o meu almoço estava posto ao meio-dia, me sentei e comecei a comer. Hoje pedi um filé de peixe grelhado com salada, o prato estava delicioso, mas eu não estava com tanta fome. A imagem da mulher loira dançando no jardim de vez em quando explodia na minha mente, e eu fazia de tudo para afastá-la.

Abri a porta depois de estacionar a minha moto na garagem, com a mochila nas costas contendo a minha raquete e a garrafa d'água, estava segurando a toalha de rosto, pois, assim que desci da moto, limpei o suor.

Não sei quando foi o momento, mas esbarrei em alguém e ouvi o som de coisas caindo. Fui rápido e segurei a pessoa antes que ela caísse no chão. Nossos olhares se encontraram e pude ver o

quanto ela estava assustada. Franzi o cenho, não reconhecendo aquela mulher.

— Quem é você? O que faz na minha casa? Como entrou aqui? — interroguei a mulher, que me olhava com os olhos enormes.

Ela usava um avental branco que cobria a metade de suas pernas. Só depois de ver que ela estava usando o avental foi que lembrei quem era ela, era a moça do jardim. Seus cabelos loiros estavam cobrindo o rosto pelo movimento que ela fez para não cair no chão.

— Como assim quem eu sou? — interrogou, ajustando os fios que caíram em seu rosto.

— O senhor me contrata e não sabe quem sou eu? Sou a faxineira e a... — Gesticulei com o dedo em riste que ela parasse de falar e atendi ao celular, era Milena.

Vi quando se inclinou e pegou a vassoura com o balde, ainda bem que estava vazio, se tivesse com água e manchasse o chão, eu não sei o que faria. Ela foi para a cozinha. E eu comecei a indagar Milena.

— Não sabia que tinha contratado uma nova faxineira, nesse exato momento, chegando do clube, quase a derrubo no chão. Pensei que estivesse invadido a minha casa — reclamei, entrando no quarto.

— *Miguel, meu irmão, me desculpe, o erro foi meu, iria mesmo te falar, mas Melinda não dormiu a noite toda chorando com febre, agora estamos aqui na emergência do hospital pediátrico, estou aguardando os exames, o pediatra acredita que deve ser virose.* — Na mesma hora fiquei preocupado com a minha sobrinha.

— Quer que eu vá te fazer companhia? Renato está aí com você?

— Está sim, não se preocupe, só me desculpe por não avisar sobre a faxineira, ela também é a... — ela se interrompeu e continuou — , Miguel, depois conversamos, os exames saíram, até mais, não se preocupe, ligo depois para você, falando sobre os resultados dos exames.

Assim que encerrei a ligação com Milena, fui para o banho. Fiquei preocupado com Melinda, ela é tão esperta e bagunceira, dificilmente adoece.

Não estava com fome, então decidi ficar no meu quarto mesmo, se sentisse fome, mais tarde comeria, liguei a televisão e fiquei assistindo ao programa de esportes, sempre de olho no celular, aguardando alguma notícia.

Por volta das dezenove horas, desci até a cozinha para comer alguma coisa, abri a geladeira e me deparei com uma torta de chocolate com alguns pedaços de morango. Balancei a cabeça sorrindo, a atrevida fez mesmo o doce.

Como sempre, fui até o balcão bisbilhotar se tinha algum bilhete, mas me deparei com uma cozinha muito limpa e organizada, assim como o meu quarto, que estava muito bem arrumado. Desde que Milena contratou outras faxineiras, não vi a casa tão limpa e organizada quanto agora. A faxineira e a chef são duas profissionais muito bem responsáveis. Peguei o pedaço de papel e comecei a ler.

“ Espero que o doce adoce a sua vida, tenha uma ótima noite.

PS: não tenho problema algum com a minha audição, senhor, escuto muito bem. Inclusive, as suas reclamações”.

Dessa vez tive que gargalhar, ela se superou, devo admitir. Comi o doce pensando em como deve ser essa mulher, com certeza amanhã tirarei as minhas dúvidas. Para não deixar nada sujo, pois ela limpou a cozinha, lavei a minha louça, deixando impecável, além disso, guardei o recipiente depois de secá-lo.

Sei que não conseguirei dormir enquanto Milena não me dar notícias da minha sobrinha.



Capítulo 9

Aysha Matos

Durante o final de semana, não deixei um minuto sequer de pensar nas mãos fortes segurando o meu corpo para não cair. Quando o meu chefe esbarrou em mim naquele dia, senti o quão forte era o seu aperto sobre a minha cintura, mãos firmes e possessivas. Lembrei que já tinha visto o seu rosto estampado em capas de revistas e o reconheci no mesmo instante. Ele é um pintor muito famoso.

Meus olhos quase saltaram quando vi que o meu chefe não é idoso, ao contrário, é um homem alto, forte e usa uma barba rala que o deixa tão atraente. Não pude deixar de conferir o seu corpo

musculoso. Sim, eu passei os olhos em tudo. Apesar de ser um arrogante, ele é muito bonito, cheiroso e muito forte. Eu já disse que ele é grandão?

Balancei a cabeça, incrédula, com o meu pensamento a respeito do meu chefe, tive que tomar um banho gelado para conseguir dormir. Estou pensando em aceitar o convite da Flávia, a diarista na casa de um advogado aqui perto, ela sempre me chama para sair com ela e umas amigas para curtir a noite de Nova Primavera, mas sempre recuso. Porém, agora preciso urgentemente espairecer para esquecer aqueles olhos azuis brilhantes e convidativos.

Tive até que ligar para a minha mãe para contar-lhe que o meu chefe não era idoso, muito menos cardíaco, bom, eu suponho que não seja. Ela ficou toda animada, pedindo para contar mais sobre ele, ela me disse que pesquisaria na internet. Uma pena o meu celular ser antigo, poderia fazer o mesmo.

No dia seguinte, cheguei em frente à casa, me identifiquei e fiquei aguardando o segurança abrir o portão para poder entrar. Dei bom-dia e ele sorriu, me cumprimentando de volta.

Caminhando pelo caminho de pedras, pude ver que a arrumação que o senhor Tenório fez no jardim deu uma grande diferença, as flores murchas caíram e as folhas estão quase todas verdes. Será que tem algum bilhete para mim hoje?

Entrei e fui logo trocar de roupas, coloquei o meu uniforme de chef e olhei o cardápio do café da manhã, mas só tinha um aviso. Não era preciso fazer o café, pois ele não estaria em casa, murchei por não ter nenhum bilhete, apenas o que era preciso cozinhar para o almoço.

Quando deu por volta de meio-dia, ouvi o barulho da porta abrindo e passos subindo a escada, supus que o meu chefe já estava em casa. Com tudo pronto, fui arrumar a mesa para servir o

almoço e, assim que deu a hora, levei a refeição e me retirei em seguida.

Servi o meu almoço e, quando acabei, fui arrumar a casa, não estava nem bagunçada, mesmo assim limpei os móveis da sala, dei uma arrumada na estante de livros e fiquei observando os quadros na parede.

Vi uma foto de uma mulher muito bonita sorrindo Quando fiz menção de me aproximar, percebi que alguém me observava, ao me virar, não tinha ninguém, claro que devia ser o meu chefe querendo saber se eu estava limpando direito. Revirei os olhos.

Saí da sala e fui para a cozinha, terminei de organizar tudo e decidi ir até o jardim levar um pedaço da torta que fiz, era a primeira vez que fazia e queria a opinião do senhor simpático que cuida das plantas, ele lembra muito o meu avô, é conversador e sempre está contando histórias antigas.

O tempo estava quente, então, decidi levar uma garrafa de água bem gelada.

— Boa tarde, seu Tenório, trouxe água e esse pedaço de torta para o senhor experimentar, acabei de inventar a receita e queria a sua opinião. — O senhor sorriu, tirando o chapéu da cabeça, e os fios totalmente brancos se revelaram, sua pele estava vermelha por conta do sol quente.

— Já disse para não se preocupar comigo. Mas gosto quando vem conversar — falou, pegando o prato com a torta e cortando um pedaço, levando à boca. Logo sorriu satisfeito. — Está uma delícia, senti o gosto do maracujá, colocou castanha? — Balancei a cabeça, sorrindo, afirmando.

— Torta de maracujá com pequenos pedaços de castanha. Fiz para o nosso chefe, não sei se ele vai gostar — desabafei, ele sorriu.

— Que nada, ele vai gostar, só não vai admitir. — Sorri do seu comentário e o deixei comendo a torta, indo para o meio das flores.

Me aproximei mais das flores e comecei a cheirar, eram tão cheirosas, inspirei, fechando os olhos, o vento veio forte e começou a espalhar as folhas. Olhei para o céu para ver se iria chover.

Percebi ter alguém na janela me observando, mas, quando percebeu que tinha sido visto, saiu rápido. Será que ele não está gostando de me ver mexer no jardim, ou de conversar com o jardineiro? Se ele não estiver gostando, com certeza falará, ainda mais que não é de ficar remoendo um assunto. Peguei algumas flores para pôr na cozinha e saí, me despedindo do senhor sorridente.

Faltando pouco para as dezessete horas terminei o jantar, já tinha feito a torta mais cedo. Com tudo arrumado na cozinha, fui me trocar para ir para casa. Ao retornar do quarto com a minha bolsa,

tomei um susto quando observei o homem parado na entrada da cozinha, ele estava sério.

Por dentro, eu estava me tremendo toda, mas mantive a pose. Com certeza ele veio falar do jardim e que não me paga para ficar conversando com o jardineiro.

— Está se sentindo bem? — perguntou, confuso.

— Estou sim, algum problema, senhor?

— Peça a chef para ir até o meu escritório. E, em seguida, pode ir — disse, saindo antes que eu dissesse que a chef era eu. Mas como assim ele pensa que são duas pessoas trabalhando na casa? E agora?

Com a bolsa sobre o meu ombro, subi a escada seguindo para o escritório, ao parar na porta, respirei devagar, pois estava ainda nervosa. Dei duas batidas na porta e entrei. Ao me ver o seu rosto, ficou confuso e enrugou a testa.

— Algum problema? Pensei ter pedido para você avisar a chef de cozinha que eu a queria aqui. — Sua voz grave me deixou sem jeito, mas logo estufei o peito e empinei o nariz, dizendo:

— Está falando com ela, senhor. Eu sou a chef de cozinha — afirmei e o vi piscar soltando um risinho incrédulo. Entrei e fechei a porta.

— Como assim? Eu a vi faxinando a casa. E Milena não me falou nada. — Se remexeu na cadeira, demonstrando desentendimento.

Previ que dona Milena não tivesse explicado que eu exercia os dois cargos para ele.

— Então a dona Milena não o informou sobre isso — falei alto, deduzindo.

— Obviamente que não, senão não estaria tão surpreso — expressou de modo rude.

Respirei fundo e ignorei seu modo arrogante de ser, algo que não me admirava pelo fato de o nome dele estar malfalado nas agências de trabalho.

— Me dispus a aceitar também o cargo de faxineira quando soube que ninguém queria trabalhar aqui por conta do seu jeito... um tanto exigente — minimizei as palavras. Queria mesmo chamá-lo de insuportável, porém, evitei.

— Tem razão. Tenho minhas exigências, todavia, está se saindo bem referente à limpeza. — Sorri, feliz por ouvir seu elogio, mas o contive rapidamente. — Sendo a chef de cozinha, também é a protagonista daqueles bilhetes atrevidos? — Dessa vez, me olhou profundamente com uma das mãos no queixo.

Comprimi meus lábios, nervosa.

— Não sou atrevida, apenas respondi à altura dos seus, já que foi quem começou. — Seu olhar incrédulo permanecia no meu.

Eu não tenho filtro, não penso antes de falar. Eu e a minha língua grande.

— Mas não lhe chamei aqui para discutirmos sobre os bilhetes. Sente-se — ordenou sério, não gostei disso, mas me sentei, lembrando que ele era o meu chefe. Sentei-me, esperando-o falar o motivo de ter me chamado.

— Daqui a um mês vou me reunir com alguns chineses aqui em casa numa reunião de trabalho e Milena sugeriu que eu contratasse seus serviços para preparar o jantar, sei que para uma pessoa só e é muito trabalho, se conhece alguém que possa te auxiliar, pode trazer. O seu trabalho aqui em casa é até sexta-feira, sendo assim, pago um extra. Se você aceitar, é claro — terminou de falar e me olhou esperando por minha resposta.

— Claro que aceito, senhor. Posso muito bem trazer alguém para me auxiliar. Preciso saber quantas pessoas virão para o jantar,

a lista do que devo preparar para o cardápio e se preciso comprar algo.

— Sobre esses detalhes, Milena os enviará por mensagem, preciso lhe informar a respeito de tudo antes, ela que toma todas as decisões. — Depois de falar, se levantou, e eu fiz o mesmo.

— Boa noite, Aysha. — Estendeu a mão na minha direção.

— Boa noite, senhor. — Apertei a sua mão, sentindo a pele áspera sobre a minha, nossos olhares se conectaram por um breve instante. Tirei a minha mão da sua e abri a porta, saindo apressada.

Ao passar pelo portão, respirei fundo, deixando o vento frio soprar em meu rosto. Até agora estou tremendo com tudo o que aconteceu no escritório. Aqueles olhos enormes me olhando quando entrei me deixaram completamente nervosa.

ALGUNS DIAS DEPOIS

Cheguei mais cedo do que de costume no trabalho, pois era dia de fazer as compras do mês. Dona Milena tinha feito uma lista, enviado por mensagem e fez a transferência para fazer o pagamento das compras. Tinha decidido que, depois do almoço, iria ao supermercado. Hoje o cardápio era muito fácil e simples. Arroz, feijão e filé grelhado com salada.

Depois de terminar de preparar o almoço, me surpreendi com a presença do seu Miguel na cozinha, ele se aproximou um pouco receoso, mas logo foi se soltando. Ele estava usando uma calça de moletom que abraçava as suas coxas um tanto grossas. A camisa do mesmo tecido colada ao corpo mostrava também um pouco dos músculos.

— Está tudo bem? — perguntou, curioso, olhando para as panelas no fogão.

— Está tudo bem, sim. O senhor quer alguma coisa? — Ele passou as mãos na barba rala, como se estivesse pensando no que

dizer.

— O que você vai preparar de sobremesa hoje? — Sua pergunta me pegou de surpresa, esbocei um pequeno sorriso antes de responder.

— Hoje não farei sobremesa, não tem os ingredientes, por falar nisso, assim que o senhor almoçar, irei ao supermercado. Dona Milena já me enviou a lista das compras. — Miguel enrugou a testa, como se estivesse pensando em algo.

— Irei com você, mais tarde almoço, não estou com fome — disse, como se fosse algo normal acompanhar a empregada ao supermercado.

— O senhor tem certeza? — perguntei, incrédula.

— Por um acaso acha que eu nunca fui ao supermercado antes, senhorita? — com ar de superior, perguntou.

— Claro que não, senhor. Só que é estranho o senhor se oferecer para ir comigo, mas não irei discutir sobre isso. temos que

ir agora, senão voltaremos tarde. Fazer compras requer muito tempo, fora a fila do caixa para pagar depois. Então, é melhor irmos agora — falei, indo na direção do quarto para ir trocar de roupas.

Quando retornei, não vi mais o Miguel, capaz de ter desistido de ir quando falei sobre a fila enorme. Mas me enganei quando o vi descer a escada usando outra roupa, usando óculos escuros, segurando a chave do carro. Hipnotizada, continuei olhando sem conseguir desviar o olhar. O homem sabia ser bonito, deve ter entrado na fila da beleza mais de dez vezes. Suspirei.

— Vamos? — Cocei a garganta e saí andando apressada atrás dele.

Por incrível que pareça, ele abriu a porta para mim. Eu iria na parte de trás do carro, mas ele fez questão de que fosse na frente. Assim que ele entrou, o cheiro do seu perfume impregnou dentro do carro, me esforcei ao máximo para não fechar os olhos e inalar bem devagar o cheiro.

— É formada há muito tempo em gastronomia? — perguntou quando o carro parou no sinal.

— Dois anos, mas, desde muito nova, gostei de cozinhar, inventar receitas, estudar sobre os benefícios que os alimentos trazem a nossa saúde — expliquei, sentindo um misto de euforia por me lembrar desse tempo.

— Pelo pouco que está trabalhando na minha casa, confesso que sua comida é uma das melhores que já experimentei, e olha que já viajei por muitos países. — Sorri ouvindo o seu elogio.

Miguel estacionou o carro e saímos. O supermercado é dentro do shopping, confesso que eu não viria nesse, gosto de procurar promoções.

Andávamos pelo corredor, Miguel empurrava o carrinho ao meu lado enquanto eu lia a lista e pegava os produtos. Percebi que ele era familiarizado com compras, foi pegando tudo o que uma casa precisa sem ao menos ler a lista. Aproveitei e fui na direção

das frutas, e ele ficou na parte das bebidas, escolhendo vinhos. Ao me aproximar mais dele, o vi parado com uma garrafa de vinho nas mãos, como se estivesse lembrando de algo, observei as suas feições e percebi que era como se ele estivesse vislumbrando a cena.

— Aconteceu alguma coisa? — A minha voz o tirou do entorpecimento que se encontrava.

— Não aconteceu nada, precisamos ir agora. Já comprou tudo? — falou com a voz estranha. Não tive coragem de perguntar o que houve, apenas acenei concordando.

Depois de colocar todas as compras no carro, seguimos para casa. Miguel não abriu a boca para falar nada, ele dirigia concentrado, como se não tivesse ninguém ao seu lado. Também fiquei calada, talvez ele tivesse se arrependido de ter vindo comigo. Eu não chamei, ele veio porque quis. Homem estranho, muda de humor em poucos minutos.

Chegamos em casa, ele ordenou ao segurança que colocasse as compras na cozinha e entrou, subindo a escada apressadamente. Depois de arrumar todas as compras, subi até o seu quarto para perguntar se ele queria comer algo. Bati duas vezes, ao abrir, percebi os seus olhos vermelhos.

— O que quer? — com a voz fria, perguntou.

— Vim saber se o senhor quer comer algo — disse firme.

— Não, irei para o ateliê e não quero ser incomodado.

Acenei concordando e me retirei, sentindo-me estranha. O homem parecia uma pedra de gelo quando voltou do supermercado. Mal olhava na minha cara. O que eu tinha feito para ele agir dessa maneira?



Capítulo 10

Miguel Solano

Um mês depois...

Tracei uma linha fina sobre a tela e fui pincelando delicadamente a linha a minha frente. Abandonei o desenho que estava pintando e me sentei na poltrona, jogando a minha cabeça para trás, me sentindo frustrado por ser tão imbecil com Aysha, durante esses dias, tenho evitado a sua presença. Sinto que ela notou o quanto fiquei diferente quando voltamos do supermercado.

A verdade é que tive uma das melhores lembranças de quando Giovana era viva. Quando peguei aquela garrafa de vinho, a minha mente foi transportada para o nosso primeiro ano de casados.

Adorávamos beber sentados no tapete da sala, fazíamos amor a noite inteira e nos declarávamos um para o outro, me lembro muito bem quando ela se deitava sobre o meu corpo e dizia que íamos envelhecer juntos. Infelizmente isso não será possível, Giovana se foi antes mesmo de completar trinta anos.

Naquele momento, eu me senti frustrado, com raiva por tê-la perdido tão cedo. Durante cinco anos me culpei pelo que aconteceu e ainda me culpo, por mais que as provas dizem que não tive culpa alguma, que o carro ultrapassou em alta velocidade, batendo no nosso, fazendo-o capotar várias vezes, eu me culpo.

Como sabia que não conseguiria terminar a pintura, comecei a guardar os pincéis, peguei a toalha e comecei a limpar as mãos. Em seguida, saí do ateliê, subindo a escada, e tranquei a porta.

Andando pelo corredor, vi que estava muito silencioso, mas, ao me aproximar mais da janela, ouvi vozes. Puxei a cortina e vi que era Aysha com o seu Tenório, conversando no jardim, ele comia

algo e elogiava, seu sorriso aumentou de tamanho e disse que fez a receita para o jantar de reunião mais tarde.

Soltei um riso, balançando a cabeça, indo na direção do meu quarto. Teria que falar com ela e admitir que, durante esses dias, não fui educado e a tratei mal.

ALGUMAS HORAS DEPOIS...

Decidi que o jantar seria na área do lado fora da casa, próxima da piscina. Contratei uma equipe para cuidar da decoração do espaço e gostei muito do resultado.

Aysha veio falar comigo várias vezes a respeito do cardápio, perguntando se eu não tinha alguma sugestão. Falei que não, que confiava em seu trabalho e que ela tinha carta branca para fazer o que achava melhor.

Em algum momento que entrei na cozinha, ela me fez provar alguns doces que estava fazendo, então tive que roubar um pedaço

para comer antes de todos, e claro ela me expulsou da cozinha.

O jardim estava bem iluminado, deixando o espaço com muita claridade. A mesa do jantar estava com algumas decorações, nada que atrapalhasse as conversas entre as pessoas. Os talheres e taças, todos muito bem-posicionados.

Estava em pé na janela do meu quarto, observando a movimentação dos funcionários trabalhando do lado de fora. Estava dando nó na minha gravata, ainda faltava meia hora para o grupo de chineses chegar, Milena também ainda não havia chegado, pois estava esperando o Renato chegar para ficar com Melinda. Graças a Deus a minha sobrinha está ótima.

Nem passei mais na cozinha, mas, pelos burburinhos que vinham de lá tudo, deve estar ocorrendo perfeitamente bem. Aysha é uma excelente profissional e confio nela. Apesar de ela ser intrometida, é boa no que se dispôs a fazer.

Os chineses chegaram e nos cumprimentamos, o garçom passou servindo bebidas, aproveitei para tomar uma dose de uísque, estava tenso, sempre pensando se correria tudo bem hoje.

— Uau, você está lindo, Miguel! — Milena afirmou, se aproximando com uma taça de champanhe.

— Obrigado, mas linda está você. Cortou o cabelo? — Sorriu, passando as mãos pelos fios castanhos.

— Hoje tive um dia de rainha no SPA, Rita foi lá em casa e levou Melinda para casa dela, sabe que ela ama a sobrinha. Mais tarde terei a casa só para mim e Renato — disse, comemorando, revirei os olhos.

— Já disse que não quero ficar sabendo da sua vida íntima com o seu marido.

— Por falar em vida íntima, soube que você e Aysha foram ao supermercado juntos. — Olhei para ela, enrugando a testa.

— E o que tem a ver isso? Qual o problema em ir ao supermercado com a empregada? Estava entediado e precisava comprar algumas bebidas. Oras!

Quando ela iria dizer mais algo, a chef anunciou que o jantar seria servido.

Os chineses estão em um grupo de quatro pessoas, um deles fala inglês e traduzirá para chinês para o restante. Domino o inglês perfeitamente, falo também espanhol.

Nos sentamos e os garçons começaram a servir. Serviram-nos medalhão de filé com cogumelos na manteiga. Para beber, um vinho. Percebi que eles gostaram da comida e elogiaram até o tradutor, que traduzia tudo. Agradei dizendo que a chef era uma mulher e merecia todos os elogios, pois realmente estava tudo perfeitamente bom.

— Então, senhores, já que acabamos de nos deliciar com esse banquete maravilhoso, vamos falar de negócios? — Milena

indagou, dominando perfeitamente o inglês.

O tradutor nos disse que eles se interessaram pelo meu trabalho depois que expus as obras em Portugal. A exposição acontecerá em Hong Kong e estão pensando em dez peças, querem algo mais natural e espontâneo, com cores neutras e com os temas locais; as obras ficarão expostas nos grandes museus até acontecer o leilão delas.

Firmamos o acordo e acertamos os valores de cada obra. Levarei os documentos para o meu advogado analisar e, se ele concordar, assino, caso contrário, podemos discutir algumas cláusulas.

Os chineses se despediram, deixando vários elogios à chef, agradecendo a recepção do jantar. Milena também foi embora depois de brindarmos por mais uma conquista.

Sentei-me na mesa e fiquei admirando a vista, o céu estava estrelado; a noite, fria. De repente notei alguém se aproximando, me

virei para ver, era Aysha.

Esbocei um pequeno sorriso e me levantei, puxando a cadeira a minha frente para ela se sentar. Confusa, ela apenas ficou me olhando.

— Sente-se, Aysha. Quero parabenizá-la pelo excelente jantar. Os chineses saíram daqui elogiando o seu trabalho e pediram para lhe reportar os parabéns. — Seus olhos brilharam e um pequeno sorriso brotou no canto dos seus lábios.

Não sei o que houve, deve ser a bebida, pois já é a segunda dose que tomo, mas percebi que ela é bonita. Ela ainda está usando uniforme e, mesmo assim, está bonita. Não consegui desviar o meu olhar do dela.

Coloquei um pouco da bebida que estava tomando em uma taça e estendi na direção dela, dei a volta na mesa e me sentei a sua frente.

— Desculpe, senhor, mas não posso beber na minha hora de trabalho — pronunciou em defensiva.

— Bobagem, já está passando da hora que combinamos, devo acrescentar um extra em seu cheque. — Seus olhos buscaram o meu e ela deu um leve sorriso, mostrando os dentes brancos.

Levou o copo aos lábios e sorveu um pouco da bebida em seguida deu uma tossida. Levantei-me, indo apressadamente em sua direção.

— Está tudo bem? — Coloquei uma das mãos em suas costas, dando leves batidinhas.

— Está sim, apenas a bebida é um pouco forte, não costumo beber. Está na hora de ir para casa — falou, se levantando.

— Pedirei ao segurança para lhe deixar em casa. — Levei as mãos no bolso, tirando o celular para ligar para Maxwell.

— Não precisa, senhor, posso muito bem chamar o carro de aplicativo — falou, já de pé.

— Faço questão, já que, durante esses dias, fui tão seco com você. Sei que está apenas fazendo o seu trabalho na minha casa e não tem obrigação nenhuma de perguntar sobre o meu bem-estar, ou de querer me servir algum lanche que fez apenas para saber como eu estou. Eu que errei, sei que fui rude. Sei reconhecer quando erro. Maxwell irá lhe levar em segurança. Não é uma ordem, é apenas um pedido de desculpas — pronunciei, estendendo a mão livre para ela.

Assim que Aysha apertou a minha mão, senti um choque percorrer o meu corpo, então, comecei a respirar devagar e não conseguia tirar os olhos dos seus lábios.

— Com licença, senhor. Já está tudo pronto para levar a senhorita em casa. — Puxei a mão do aperto de Aysha, cocei a

garganta, dando boa-noite e mais uma vez agradecendo o seu trabalho. Ela acenou e seguiu Maxwell.

Dei as costas e fui caminhando para dentro de casa, sem conseguir evitar, entrei na cozinha, parando próximo do balcão, e notei um papel em cima.

“Percebi que gostou muito desse doce, antes de ir para casa, fiz para você comer no final de semana”.

Caminhei até a geladeira e vi o manjar no recipiente, ainda estava quente quando toquei com o dedo para provar. Sorrindo, levei o dedo aos lábios, sugando o doce e sentindo meu coração acelerar.



Capítulo 11

Aysha Matos

Sem conseguir dormir, me levantei às sete e meia da manhã e fui comprar pão, era domingo e não parava de pensar na atitude de Miguel quando me chamou para se sentar com ele para tomar uma bebida depois do jantar. Ele tinha razão quando disse que foi rude comigo, passando o resto da semana sem falar comigo.

Claro que eu não sou boba, sei que é viúvo pelas pesquisas que fiz na internet para saber mais da vida dele. Ainda mais por ele ser assim fechado, vi fotos em seu quarto dele e da mulher, ela era tão linda, eles pareciam tão felizes.

Logo notei que ele sofria com alguma perda. Sei muito ler a expressão de alguém; naquele dia no supermercado, eu vi que ele lembrou de alguém, talvez uma lembrança com a esposa. Em seu rosto, estava estampado o quanto ele ainda sofre com toda essa perda.

Achei madura a sua atitude em vir falar comigo, assumindo o erro. Eu prometi a mim mesma que não tentaria mais me aproximar dele, eu era a empregada, e ele, o meu chefe. Mas ele me confunde agindo dessa forma.

Entrei na padaria, comprei cinco pães, leite, presunto e queijo e voltei para casa. Vou aproveitar para lavar as roupas e arrumar a casa, essa semana não tive tempo, fiquei com preguiça, mas hoje estou disposta e irei fazer faxina.

Pode ser que mais tarde eu dê uma passada na casa da Sueli para lhe fazer uma visita, sinto falta dela e da Maria, até do seu Álvaro, que foi tão bondoso comigo, levando as marmitas para

vender em seu trabalho para me ajudar a pagar o aluguel. Nunca irei me esquecer deles, me ajudaram tanto.

NO DIA SEGUINTE...

Cheguei no trabalho quase atrasada, fiz tanta arrumação em casa e ainda fui visitar os meus amigos, Sueli me convidou para jantar e fiquei até tarde conversando com eles. Fiquei feliz em saber que eles irão se mudar ali da vila para uma casa maior. Seu Álvaro foi contratado e ela também está trabalhando de doméstica. Despedi-me deles, pedindo para me informar quando vão se mudar para depois ir visitá-los.

Entrei na cozinha e fui diretamente vestir o meu uniforme, quando voltei, notei um bilhete. Sorri que nem uma boba e fui às pressas ler.

“Só queria agradecer seu gesto de carinho em fazer o doce que gostei muito. Agora tenho um doce preferido.

PS. Quero que hoje me surpreenda com o almoço. Irei deixar por sua conta a escolha do cardápio”.

Sentindo meu estômago gelar, sorri, relendo o bilhete. Ele não está me ajudando, prometi a mim mesma que iria apenas focar no meu trabalho, mas ele não me ajuda, que homem de muitas fases, uma hora está educado, carinhoso, diria até que um bom chefe! *Menos, Aysha, bem menos!*

Coloquei o celular sobre o balcão, tocando uma música, fui até a geladeira, pegando a bandeja com carne, iria fazer um assado de carne com batatas, é uma receita bastante simples, mas é uma delícia. Tenho certeza de que ele irá gostar muito.

Como a carne estava um pouco congelada, enchi a pia e coloquei na água para descongelar. Enquanto a carne descongelava, fui descascar as batatas, estava tão absorta em meus pensamentos com o meu chefe e o seu sorriso totalmente “sexy” que senti uma picada em meu dedo, gemi, olhando o sangue

escorrer pelo dedo. Bufei irritada com a minha falta de concentração para cortar as batatas. Joguei vinagre por cima do corte e gemi alto.

— Aconteceu algo, Aysha? Caramba! Olha o tanto de sangue escorrendo do seu dedo, meu Deus, venha, irei te levar à emergência, tenho certeza de que esse corte levará vários pontos. Nossa, o sangue não para de jorrar!

Miguel, completamente assustado, me puxava pelo braço para fora da cozinha, não sei como, mas ele foi pegar o pano de prato e o meu celular veio junto e caiu na pia com água, fechei os meus olhos devagar, xingando-o mentalmente. Notei que ele estava nervoso, falando palavras desconexas. Olhei para a minha mão dele, que tremia, olhei para o seu rosto e vi um fio de suor escorrer da sua testa. Ele estava fora de si, a única reação que tive foi bater de leve em seu rosto para ele sair do transe. Com o susto, ele parou.

— Desculpe, tive que fazer isso, ou você não voltaria a si.

Miguel me olhava confuso, notei seu pomo de adão subindo e descendo rapidamente. Ele passou a mão na testa e ficou por minutos pensando no que dizer.

— Me desculpe, é que eu tenho pavor de sangue e, quando vi você sangrando, fui transportado para um lugar do meu passado muito doloroso. Venha, vamos limpar esse sangue, olhando agora, o corte não é tão profundo, mas saiu bastante sangue — falou, ainda segurando o meu braço.

Poderia muito bem apelidá-lo de meu chefe temperamental, uma hora ele age de maneira inesperada, impulsiva, como agora mesmo, ele foi tão intempestivo, outra com frieza. Miguel largou o meu braço e abriu a gaveta do armário, tirando uma caixa de primeiros socorros.

— Puta que pariu! — exclamou, com a mão na testa. Além de bipolar, tem a boca suja! Confesso que estou gostando muito de conhecer esse lado dele. Suspirei encantada. — O seu celular está

mergulhado na pia, eu sei que a culpa é minha, agi no impulso, querendo te ajudar, e acabei causando isso. Me desculpe — proferiu, sincero.

— Por enquanto vamos esquecer o celular, talvez, se eu puser dentro do recipiente do arroz, tenha salvação — disse, pegando o aparelho inundado de água, abrindo a tampa e mergulhando no arroz.

Totalmente confuso, Miguel se aproximou e ficou olhando, senti o cheiro do seu perfume e tive que apertar as coxas quando sua voz grave penetrou no meu ouvido.

— E para que diabos isso serve? — indagou e riu em seguida. Me virei para ele e respondi:

— Geralmente, quando o celular molha, dizem que, se colocarmos no arroz, ou no sol, tem salvação. — Ele riu ainda mais, mostrando todos os dentes brancos. Fiquei fascinada, vendo-o jogar a cabeça para trás.

— Não é mais fácil comprar um aparelho novo? Aliás, esse seu aí é bem antigo, não sei como ainda funciona. — Fiquei olhando para o seu rosto.

— É antigo, mas é meu. Comprei com o meu primeiro pagamento quando trabalhei pela primeira vez de ajudante em um restaurante. E eu gosto dele, tem televisão, agora vou perder a minha novela — reclamei, fazendo cara feia. Ele ofendeu o meu celular só porque é antigo.

— Me desculpe de verdade, depois resolvemos a questão do celular. Agora preciso olhar o corte para lavar e fazer o curativo antes que isso inflame mais.

Sentei-me na cadeira, e Miguel se sentou na outra, de frente para mim. Segurando devagar a minha mão, ele analisava o corte, passando a gaze devagar, limpando o sangue e, quando tocou no corte, reclamei de dor. Seus olhos azuis focaram nos meus, pisquei sem jeito.

— Está doendo? — Balancei a cabeça, afirmando. — Pronto, agora o corte está protegido e não vai mais doer. Mais tarde tem que trocar o curativo. Aysha — chamou meu nome ergueu os olhos e me olhou sério. — Eu tenho sérios problemas em ver sangue. E, quando vi o sangue jorrando do seu corte, minha mente paralisou e fiquei lembrando de um incidente que aconteceu na minha vida e quis te levar rapidamente ao hospital. Há cinco anos perdi a minha esposa em um acidente de carro, era eu quem dirigia, mas não tive culpa. Até hoje não superei ver sangue, se te assustei de alguma forma, peço desculpas novamente — terminou de falar e se levantou; em um impulso, toquei no seu ombro e ele se virou, o abracei, eu sabia que, naquele momento, ele precisava ser abraçado.

Os braços de Miguel ficaram rígidos, parados no mesmo lugar, ele estava paralisado. Como ele é muito alto, deitei a cabeça em seu peito e fiquei ouvindo as batidas do seu coração. Rapidamente a minha consciência clareou, me lembrando de que ele era o meu

chefe. Saí de perto dele, soltando um risinho baixo, dizendo que iria fazer o almoço. Não esperei ele responder e rumei depressa para a cozinha, sentindo as batidas do meu coração acelerar e meu estômago contrair. Não é possível que eu abracei o Miguel, o que ele vai pensar de mim?



Capítulo 12

Miguel Solano

Acordei muito cedo, aliás, não consegui dormir quase nada. Então, decidi sair para correr, precisava gastar as energias que, nos últimos dias, tenho acumulado.

O tempo estava nublado e frio, coloquei um conjunto de moletom azul, calcei o tênis e fui até a cozinha tomar um copo de leite, não gostava de sair de barriga vazia.

Ao entrar, me lembrei de ontem, Aysha com o dedo cortado esvaindo tanto sangue me recordou o acidente com a minha esposa, me deixando muito ruim.

Antes de desmaiar, eu ainda vi seu corpo todo ensanguentado ao meu lado, os olhos fechados sem reação alguma, só sangue escorrendo; todas as vezes que lembro do ocorrido fico mal, é como se eu fosse transportado para aquele dia. O pior dia da minha vida, quando acordei, não tinha mais esposa, não tinha mais nada, só dor e tristeza. Por tantas vezes eu quis morrer, queria encontrar com a Giovana em algum lugar.

Nunca fui religioso ou de frequentar uma igreja, acredito muito em Deus e, por tantas vezes, o culpei por tudo o que aconteceu. Só em saber que nunca mais veria o sorriso da minha esposa ou ouviria a sua voz me dizendo que tinha uma surpresa para mim em nosso quarto eu morria lentamente, e pintar foi e sempre será o meu refúgio.

Naquele momento só pensei em levar Aysha ao hospital, eu estava fora de mim. Mas, como ela é atrevida, me deu uma bofetada e voltei a agir naturalmente. Eu tive que explicar por alto por que agi dessa forma, senão ela pensaria que tenho problemas.

Durante a noite toda pensei em seu abraço, por mais que não tivesse correspondido, me senti bem com o seu gesto de carinho. Ela me abraçava apertado, permiti sentir os seus braços em volta do meu corpo. Pena que não durou muito tempo, logo ela se afastou, inventando alguma desculpa, e foi para a cozinha.

Ao terminar de tomar o leite, lavei o copo e me retirei, então, lembrei do celular dela que deixei cair na pia cheia de água. Por um lado, pensei que fosse bom, não ouviria mais as músicas cafonas dela, mas, por outro, ela precisa do aparelho para manter contato com a família.

Pensei em comprar um novo para ela, pois a culpa foi minha. Saí pelo portão, sentindo o vento frio soprar o meu rosto, ainda não eram nem seis horas da manhã. Comecei a me aquecer e corri devagar, quando percebi que já estava aquecido, ganhei velocidade e comecei a correr rapidamente, sentindo a adrenalina por cada célula do meu corpo.

Terminei de tomar o meu café da manhã e notei Aysha pela casa, começando a faxina. Fiquei por um instante observando-a cantar uma música baixinha. Sorri, pensando que ela deveria estar sentindo falta do seu celular.

Resolvi ir para o ateliê trabalhar nas obras que os chineses compraram, mas não conseguia me concentrar em nada. Na minha mente, só apareciam cores alegres e desenhos que retratavam felicidade. Então, deixei a minha mente trabalhar e comecei a desenhar. Só parei quando terminei, meus dedos e o avental estavam todos sujos de tinta.

Parado ao lado do quadro, fiquei analisando o desenho, diferia de tudo o que já fizera antes. Era um desenho com cor, um caminho em meio às flores, as pétalas caídas ao chão decoravam o caminho.

Olhei os quadros em volta da parede no ateliê e todos eles eram obscuros. Peguei o pincel de ponta fina e comecei a pintar

com cor vermelho as pétalas caídas ao chão, não pude esquecer de pôr amarelo, essa cor sempre me lembrava de Aysha, dos seus cabelos loiros, do seu sorriso alegre.

De repente ouvi um barulho vindo do lado de fora da porta, aliás, a porta estava entreaberta; de soslaio, vi Aysha olhando para o desenho, seus olhos analisavam minuciosamente cada detalhe. Era uma curiosa mesmo.

— Não te ensinaram que é falta de educação espiar atrás da porta? — Ela se assustou e começou a se afastar, indo embora, mas a chamei. Nunca permiti que outra pessoa entrasse aqui, porém, com ela, é diferente. — Aysha? — Ela parou, esperando-me falar. — O que achou do quadro? — Seus olhos percorreram toda a tela. Em seguida, avaliaram os quadros na parede, sua testa enrugou, o seu silêncio estava me deixando impaciente. Suspirei, aguardando a sua resposta. Paciência não é o meu forte.

— São lindos e sombrios... sombrios, mas profundos... transmitem dor, ao mesmo tempo, libertação. — Se voltou para mim com o rosto vermelho, ela estava envergonhada, e eu, admirado por ela sentir o que a pintura transmite. — Bem diferentes daquele... — Apontou para o novo. — Cheio de vida e luz.

— Acordei hoje com uma sensação ótima e vim para o ateliê pôr para fora. Pintar é como escrever uma história, quando a ideia surge, você tem que fazer na hora, se deixar para depois, não será mais a mesma coisa. — Ela deu um sorriso tão lindo que me deixou encantado e, ao mesmo tempo, encabulado. Não conseguia parar de olhá-la, de repente percebi e desviei o olhar.

— Ficou muito lindo, parabéns — elogiou, me olhando, dando o mesmo sorriso alegre, fazendo meu coração acelerar.

Dei as costas para ela por um instante, somente para pegar a caixa com o celular que comprei hoje pela manhã para ela. Me virei,

estendendo a caixa na sua direção. Seus olhos curiosos brilharam, percebendo do que se tratava.

— Não posso aceitar, me desculpe — disse, estendendo a caixa de volta para mim. Franzi o cenho com a sua negação em aceitar o meu presente.

— Se não aceitar, ficarei bastante chateado, é um presente e você merece. por ser a única a aguentar o meu mau humor — falei sem soltar a caixinha e as pontas dos nossos dedos se tocaram, como se fosse uma espécie de eletricidade. Notei que ela sentiu a mesma coisa que eu, pois se remexeu um pouco e arregalou os olhos. — Vo-você... sentiu isso? — perguntei de repente, e Aysha começou a piscar nervosa, sem reação.

Ela começou a gaguejar, não conseguiu falar nada com nada e se afastou rapidamente. Notei que ela queria sair do ateliê o quanto antes. Movido por algo que nem eu mesmo entendi, segurei em seu braço, fazendo-a me encarar. Queria dizer várias coisas, mas nada

saiu e fiquei só olhando para ela com a respiração acelerada. Aysha pediu licença e saiu quase correndo. Joguei-me na poltrona sem entender o que acabou de acontecer agora comigo e Aysha no meu ateliê.



Capítulo 13

Aysha Matos

Dois meses depois...

Durante todo esse tempo que passou, não consegui esquecer os momentos que tive com Miguel no ateliê, seus olhos questionadores me avaliando quando perguntou se eu senti o choque elétrico quando os nossos dedos se tocaram. Claro que eu senti, por isso saí, fugindo dele. Lembro-me que a mesma coisa aconteceu com Sérgio, nossas mãos se tocaram e nos olhamos simultaneamente e, desde aquele episódio, não nos desgradamos mais. Tive medo da sensação que senti naquele dia, medo de me decepcionar novamente.

O celular começou a tocar, me tirando do devaneio, um iPhone que ele me deu, ou melhor, me forçou a aceitar, e tem até televisão. Limpei a mão no avental, pois estava sovando a massa para preparar pão de queijo para o café da manhã do meu chefe. Olhei no visor e vi que era Milena. Atendi colocando, no viva-voz.

— Bom dia, dona Milena — saudei, fazendo bolinhas com a massa para pôr logo no forno.

— Bom dia, Aysha. Preciso falar com você; na hora do almoço, passarei aí para conversarmos. Irei almoçar com o Miguel para discutirmos algo sobre trabalho, e depois falo com você. Tudo bem? — Peguei a bandeja, levando os pães para o forno.

— Tudo bem, sim, dona Milena. Depois do almoço, tenho minha hora de descanso e podemos conversar.

Depois de desligar a chamada, comecei a preparar a bandeja para levar para a mesa do café. Com certeza Miguel já deve ter voltado da corrida. Coloquei os pães na bandeja e saí na direção da

sala de estar, a todo momento pensando o que dona Milena quer falar comigo. Será que é algo relacionado ao seu irmão? Será que ele reclamou de mim?

— Ficaré parada olhando para o nada segurando a bandeja do café? — Quase pulo de susto ao ouvir a voz grave do meu chefe impaciente.

— Me desculpe, eu só estava pensando — expliquei, depositando a bandeja sobre a mesa.

— Posso saber em quê? — Olhei para ele sem entender.

— Nada importante. O senhor deseja algo mais? — Estava doida para sair de perto dele, o jeito que ele me olha me deixa com as pernas moles. Ele negou, e me retirei, chegando na cozinha quase correndo.

Por volta das dez horas, comecei a preparar o almoço, já tinha terminado de arrumar o quarto do seu Miguel e o ateliê. Depois que entrei lá, ele permitiu que eu limpasse sempre, às vezes fico

enrolando, olhando os quadros novos que ele pinta, todos têm cores. São lindos e apaixonantes, suspirei, colocando sal na carne. Depois de terminar de fazer a salada e o suco, comecei a preparar a mesa. Ouvi o barulho de carro chegando, deve ser dona Milena.

Por volta de meio-dia e meia, servi a mesa do almoço, me retirando em seguida, ouvindo os dois agradecendo. Sorri, deixando a sala de estar e indo almoçar.

— Estava tudo delicioso, Aysha. É sobre isso que quero falar com você — falou, sentando-se na banquetta, tomando uma xícara de café. Fiquei atenta ao que ela iria dizer.

— Amanhã completo cinco anos de casada e realizarei um jantar lá em casa para sete pessoas apenas. Meu marido é festeiro e não deixa a data passar em branco, quer comemorar sempre. Então pensei em você para preparar o jantar, claro, se você não

tiver compromisso para esse final de semana. — Terminou de falar e tomou mais um pouco de café.

— Que lindo, dona Milena, parabéns. Não tenho nenhum compromisso, é só me dizer qual será o cardápio e o que mais precisará, é um prazer poder cozinhar para a senhora — disse, ela sorriu e se aproximou mais de mim.

— Fico feliz por aceitar. Aysha, você percebeu que Miguel está mudando, ultimamente ele está mais feliz? Disse-me que já está quase terminando de pintar os quadros que os chineses compraram, ele também me disse que você tem limpado o ateliê, que você cortou o dedo e ele ajudou a fazer o curativo. Contou-me também do incidente com o seu celular. Olha, se não fosse ele que tivesse me contado, eu não acreditaria. Meu irmão precisava dessa mudança em sua vida, depois que a esposa faleceu, ele morreu com ela, se tornou fechado, nenhuma empregada durava trabalhando aqui. Mas graças a Deus você apareceu. Eu só tenho a

agradecer a você por ser tão paciente com ele. — Fiquei sem jeito com a forma como ela falou.

— Eu só estou fazendo o meu trabalho, dona Milena, nada mais que isso — disse, me levantando, não queria mais ficar falando do meu chefe com a sua irmã.

— Esquece a dona, me chame apenas de Milena, já me sinto como se fôssemos amigas. Agora preciso ir para casa, enviarei tudo o que precisar por mensagem. Muito obrigada, Aysha — falou, dando a volta na mesa e me abraçando, fiquei sem reação, mas a abracei de volta.

Por volta das cinco e meia da tarde, já tinha terminado de me arrumar para ir para casa quando Miguel entrou na cozinha um tanto desconfiado. Olhei para ele e percebi que os seus olhos foram para o meu decote, já estava usando as minhas roupas normais. Quando percebeu que demorou mais tempo olhando para os meus seios, pigarreou.

— Pensei que já tivesse ido embora e vim ver se deixou algum doce na geladeira. Você me viciou neles e agora não consigo parar de comer — disse sorrindo, que sorriso lindo!

— Na primeira vez, escreveu o bilhete dizendo que não pediu doce nenhum, e fiquei pensando, quem não gosta de doces, só uma pessoa ranzinza e mal-humorada que não! — Me arrependi na hora do meu comentário.

Miguel se aproximou de mim muito sério, como eu estava perto da geladeira, ele se inclinou como se fosse me beijar, mas não o fez, ao contrário, abriu a geladeira e pegou o recipiente com doces e andou para perto do balcão, deixando em cima. Saí de perto da geladeira e fui para mais perto do armário, quase escorando as costas. Em seguida, passou o dedo na borda do doce e levou aos lábios, provando-o. Não conseguia parar de olhá-lo, ele fechou os olhos como se tivesse me provocando e estava dando certo, eu estava ficando com desejo. E ele sabia disso, pois notei um pequeno sorriso se formando em seus lábios.

— Completamente delicioso. — Lambeu o dedo em seguida, meus olhos aumentaram de tamanho quando o vi se aproximar novamente de mim, mas outra vez o idiota apenas pegou uma faca de mesa e um prato.

— Aceita um pedaço, Aysha? — inquiriu, falando o meu nome pausadamente.

— Não, senhor, preciso ir agora, ou perderei o ônibus. Tenha uma ótima noite, senhor.

— Você também, Aysha, tenha uma noite ótima — ainda olhando em meus olhos, falou.

Abri a porta da cozinha e saí mais do que depressa, ou seria capaz de pular nos braços daquele arrogante, enrolar as minhas pernas em volta da sua cintura e de deixá-lo me tomar ali mesmo em cima do balcão. Passei pelo portão andando depressa. O vento frio soprou no meu rosto e me senti aliviada, ele estava me provocando, eu tinha certeza de que estava.



Capítulo 14

Miguel Solano

Eu precisava transar para esquecer a chef de cozinha, isso era fato. Mesmo não acontecendo nada, nenhum beijo entre nós dois, eu me sinto atraído por ela. Sinto que ela me deseja tanto quanto eu a desejo. Semana passada, se ela não tivesse ido embora, eu não conseguiria me controlar, ainda mais que contemplei o seu decote, ela tem seios pequenos, mas parecem ser bem macios.

Suspirei alto, borrando todo o quadro que havia acabado de pintar. Eu estava mesmo enlouquecendo, só podia ser isso, olhei para a pintura borrada e constatei que Aysha estava me deixando

louco. Eu tinha desenhado um rosto sorrindo, feliz, era o sorriso dela.

— Diabos! — resmunguei, saindo do ateliê.

Olhei no relógio e já era tarde, precisava me arrumar, hoje seria a comemoração do aniversário de casamento da minha irmã, a data já tinha passado, ela sempre comemorava uma semana depois, pois era a mesma data que Giovana morreu. Nunca disse para ela não comemorar o dia mais feliz da vida dela, embora fosse o dia mais triste da minha, ela tinha todo o direito de comemorar.

Após o banho, saí do banheiro com a toalha enrolada em volta da minha cintura, peguei o secador e comecei a secar o cabelo. Em seguida, abri a porta do meu *closet*, escolhendo uma roupa, optei por uma calça jeans um pouco desbotada com uma camisa de manga longa, que dobrei até a altura do cotovelo. Coloquei a calça jeans ajustando a camisa para dentro da calça, calcei os meus sapatos e penteei os cabelos, deixando-os bem-arrumados, fixando

com gel. Borrifei um pouco de perfume e saí do quarto, pegando a caixinha colocando no meu bolso, comprei uma gargantilha para Milena e, para o meu cunhado, uma caixa de charuto. Desci para a sala, pegando a chave da moto e meu celular, e saí depois de acionar o portão da garagem.

O trânsito estava sem congestionamento e cheguei em menos de vinte minutos. Estacionei a moto em frente à casa da Milena e caminhei, subindo os degraus da escada até chegar à sua porta.

A casa estava bem animada, tudo iluminado por fora. A minha irmã gosta de uma farra. Assim que entrei, saí cumprimentando os amigos dela e peguei a minha sobrinha no colo. Ela estava linda usando um vestido rosa, com uma tiara da mesma cor, coisa impossível de parar na cabeça de uma criança, ela tirava a tiara e tentava pôr na boca, bagunçando os seus poucos cabelinhos.

— Você está enorme e pesada, e isso não é hora de criança está acordada. — Ela gritou como se estivesse reclamando.

— Miguel, que bom que veio. — Milena me abraçou e entreguei os presentes para ela.

— Não precisava se preocupar com presentes, sua presença é mais importante, sei o que essa data representa para você. Pode ter a certeza, meu irmão, de que eu também sinto muito. — Me abraçou e pegou a filha no colo. — Deixa-me levar essa bagunceira para dormir, já está passando da hora.

Assim que Milena saiu, peguei um copo de uísque e fiquei transitando pela casa. De repente ouvi umas risadas e reconheci na hora, enruguei a testa, confuso, e caminhei até chegar na cozinha, e vi Aysha rindo, conversando com um homem alto e negro, eles usavam o mesmo uniforme.

Quando ela me viu, parou de rir, como se estivesse com receio. Sacudi a cabeça, cumprimentando todos, e saí me sentindo estranho. Eu sabia que ela estaria aqui cuidando do cardápio, mas

não sabia que Milena contratou outras pessoas. Não sei o que me deu, mas não gostei.

Todos estávamos sentados em volta da mesa, jantando, Milena fazia questão de falar o nome de Aysha quando o pessoal elogiava a comida. Todos tinham razão, ela era a melhor chef, fiquei um pouco com ciúmes, pois ela é a minha chef, ouvi um casal pedindo o número de telefone dela, pois querem a contratar para cozinhar para eles. Milena disse que ela já trabalhava para mim, apenas dei de ombros, como se dissesse: *ela já é minha, sinto muito.*

Enquanto todos riam e se divertiam dançando, fiquei bebendo, de vez enquanto olhava para os lados para ver se via Aysha, mas não a vi, também não fui mais até a cozinha, ela estava trabalhando, não queria atrapalhar. Peguei o copo de uísque e fiquei de pé, observando todos rindo de algo que Renato falava. Vi Milena se despedindo de Aysha, que dizia que o carro de aplicativo já estava chegando, apressei-me, chegando perto de Renato, sussurrando

que já estava indo para casa, para ele avisar Milena, ele já estava um pouco bêbado, me abraçou e agradeceu a presença.

Parei a moto perto de Aysha e disse que a levaria até a sua casa. Não percebi que tinha lhe assustado, e pedi desculpas.

— Eu já pedi o carro, irei com Matheus, que mora no mesmo lugar que eu, racharemos a corrida. — Nem percebi o cara se aproximando, olhando o celular.

— Falta um minuto para chegar, Aysha — disse, dando conta da minha presença, e me cumprimentou.

— Faço questão de levar você, é tarde. Não me sentiria bem se a deixasse esperando o carro, sendo que posso levar você em segurança. — Estendi o capacete em sua direção, ela estava na dúvida se ia ou não comigo. O carro chegou e o rapaz entrou, acenando para ela.

Aysha pegou o capacete, colocou na cabeça e subiu na moto, seus braços abraçaram a minha cintura de modo apertado, me

fazendo gostar muito. Suponho que ela tenha medo de andar de moto.

Antes de ligar a moto, ela me explicou onde mora, eu já tinha ido para aquele lado da cidade, então seria fácil chegar. As coxas dela roçavam na minha perna e estava me deixando animado, a minha mente já estava imaginando as posições que foderia Aysha, poderia ser no meu ateliê, quem sabe a deixaria nua na poltrona e faria uma pintura dela. Balancei a cabeça quando paramos no sinal.

As mãos de Aysha permaneciam fortes em torno da minha cintura, eu queria prolongar a viagem até chegar a sua casa, mas já estávamos chegando. Dobrei a esquina, parando em frente ao prédio onde ela morava. Desci da moto, ajudando Aysha a descer, segurando em sua mão. Ficamos uns segundos em silêncio, entendi que ela não me convidaria para entrar em seu apartamento, já era tarde.

— Esperarei você entrar para ir embora — falei, olhando em seus olhos, me aproximando, notei que ela ficou um pouco tensa.

— Boa noite, Aysha.

A minha intenção era beijar o seu rosto, mas beijei o canto da sua boca. Parei por uns minutos, sentindo a maciez de sua pele, ouvindo sua respiração, sentindo o seu peito subir e descer, constatando o seu nervosismo.

— Boa noite, Miguel. E não fique muito tempo aqui parado, é melhor ir logo embora. Nos vemos segunda-feira.

Sorrindo, Aysha passou pelo portão, sumindo no corredor. Subi na moto, acelerando e entrando na rua. Ainda sentia o cheiro da sua pele, mas queria provar mesmo era o gosto dos seus beijos.



Capítulo 15

Aysha Matos

Passei o domingo em casa, pensando no maldito do meu chefe e na sua ousadia em beijar o canto da minha boca. Saber que ele é chato e arrogante, eu já sabia, mas agora também sei que ele é completamente safado.

Confesso que aproveitei o máximo que pude, segurando em sua cintura e apoiando o meu corpo em suas costas largas, tive um pouco de medo, mas nada que me fizesse desistir de subir em sua moto e aproveitar para ficar bem mais perto do meu chefe. Ele é tão cheiroso, tão forte, tão gostoso.

Percebi que ele queria que eu o convidasse para entrar no meu apartamento, jamais faria isso, não na primeira vez, ele pensaria que sou muito fácil, coisa que não sou, ou não era. Perto de Miguel, me transformo em outra pessoa.

Precisei de um banho frio para conseguir dormir e, quando consegui, sonhei com Miguel lambendo os dedos, olhando-me, e tive que recorrer aos meus dedinhos mágicos para conseguir dormir umas duas horas antes que o meu celular despertasse.

Depois de um banho gelado, comecei a me arrumar para ir trabalhar, ainda era muito cedo, praticamente vi o dia raiar. Calcei o meu par de tênis, abri a porta do meu apartamento e saí no mesmo instante em que Matheus saiu do seu, sorrimos um para o outro.

Matheus mora com a namorada e se mudou tem duas semanas. Quando soube que ele era estudante de gastronomia, convidei-o para me auxiliar no jantar na casa da Milena, ele me agradeceu muito, agora nos tornamos amigos.

— Bom dia! — me cumprimentou feliz.

— Bom dia! — Começamos a andar pelo corredor até chegar nas escadas, o elevador estava em manutenção desde ontem.

— Vai para a faculdade? — perguntei quando descemos o último degrau.

— Vou sim, Daniela está de folga e irei na moto dela, quer uma carona? — Me animei só em saber que eu não pegarei ônibus lotado, aceitei na mesma hora. Chegaria mais cedo do que o meu horário de costume, o bom é que adiantaria as coisas.

Subi na moto, abracei a cintura de Matheus e seguimos em meio ao trânsito. Antes de vinte minutos, ele parou a moto na esquina da casa de Miguel, desci, agradecendo e me despedindo dele.

Dei bom-dia ao segurança e entrei, andando na direção da cozinha, mas parei no mesmo instante, sentindo as minhas pernas moles, feito gelatina, era como se tudo ao meu redor parasse e

somente a imagem do meu chefe descendo a escada usando somente uma bermuda, secando os cabelos com a toalha. A bermuda não escondia nada, pus os olhos em sua barriga trincada, cheia de músculos, não conseguia parar de olhar, tinha algumas cicatrizes de cortes, poderia até contar quantos gominhos tinha.

O safado sabia que estava me deixando excitada e se aproximou mais ainda, algumas gotas de água caíam dos seus cabelos e desciam pelo seu pescoço. De repente me deu sede e comecei a ofegar.

— Bom dia! Não sabia que o senhor já estava acordado, irei preparar o café.

Nem esperei ele responder, que se dane se pensar que sou mal-educada, se ficasse mais um pouco perto dele, eu seria capaz de pular em seu colo. Olhei mais para baixo e observei o volume em sua bermuda, só não sabia o tamanho, claro, devia ser enorme, já

que o homem é tão alto. Mas às vezes isso não tem nada a ver. Cheguei na cozinha, me sentindo aliviada por sair de perto dele.

Abri a porta do quarto e fechei atrás de mim, me escorando com toda força, passando a mão na testa. Pus a mão no meu peito e senti as batidas aceleradas que o meu coração dava.

Meu Deus! E se eu infartar agora?

Caminhei até a pequena pia do banheiro, a abri e joguei um pouco de água na minha nuca para tentar apagar um pouco do meu fogo, mas foi em vão, me olhei no espelho e constatei que as minhas bochechas estavam coradas, nunca senti nada parecido com homem nenhum. Mas esse imbecil tem esse dom.

Troquei de roupas e saí do quarto, andando na direção da cozinha, amarrando o avental na minha cintura, sentindo as batidas aceleradas do meu coração voltarem ao normal, mas foi apenas por poucos segundos.

Miguel estava na cozinha, segurando um copo d'água, assim que me viu, levou o copo aos lábios, bebendo um pouco do líquido. Sua garganta subia e descia lentamente, e eu acompanhava cada movimento.

— Está quente hoje não está, Aysha? — indagou, caminhando na minha direção, eu continuei imóvel, ao lado do balcão. Ele sequer deu o trabalho de pôr uma camisa. Sem vergonha!

— Já que está quente, por que não aproveita para tomar outro banho? Enquanto isso vou preparando o café. — Ele sorriu de modo safado e parou bem pertinho de mim, acompanhei o movimento do seu braço, colocando o copo sobre o balcão.

Ficamos frente a frente um do outro, pude até sentir a sua respiração. Por um segundo, fechei os meus olhos, demonstrando que ele estava mexendo comigo, não iria negar mais nada. Ao abri-los, contemplei meu chefe com os olhos em chamas me encarando.

Em um movimento involuntário, ele tirou alguns fios de cabelo do meu rosto e colocou atrás da minha orelha.

— Aysha — soprou, e pude sentir o seu hálito quente adentrar nas minhas narinas, me enlouquecendo.

Afastei até que senti as minhas costas baterem no balcão. Eu estava encurralada e à mercê do meu chefe. Claro que, se eu pudesse, iria sair de perto dele, mas me faltavam forças, eu estava mole feito gelatina.

Senti as mãos fortes apertarem a minha cintura, fazendo o meu corpo chegar mais perto do seu. Abri os meus olhos e ele estava me olhando com as narinas infladas. Senti quando os seus lábios pousaram nos meus devagar, abrindo passagem. Quando comecei a beijá-lo de volta, senti a sua língua quente entrando e começando a chupar a minha devagar e deliciosamente.

Gemi quando suas mãos desceram para a minha bunda, apertando e roçando a sua ereção em mim. Gemi alto, mas quem

não gemeria? O homem tem uma pegada que por Deus!

Seus lábios deixaram os meus e foram descendo, parando na minha bochecha, deixando uma mordida leve, ele desceu para o meu pescoço e foi lambendo, mordendo, sugando, aproveitei e desci uma das mãos, acariciando a sua barriga. Miguel forçou a minha cabeça para trás e começou a morder a pele do meu pescoço, parando no meu queixo; enquanto gemia, seu corpo se inclinava. De repente parou, abri os meus olhos, respirando alto, parecia que tinha corrido uma maratona.

— Porra! — ele disse, passando as mãos pelos cabelos.

Fiquei parada no meu canto, esperando ele dizer que isso não deveria acontecer. Eu já estava preparada para a briga, iria dizer mesmo que foi ele quem se ofereceu, andando apenas de bermuda pela casa, mas o que ele disse fez as minhas bochechas queimarem e minha intimidade contrair ainda mais.

— Agora terei que tomar um banho frio. — Seu sorriso não escondia que estava se divertindo, ele se remexeu, e pude notar a sua ereção.

Assim que Miguel saiu da cozinha, me sentei na banqueta, soltando o ar devagarinho, respirava pelo nariz e soltava pela boca, fiz isso até sentir que já estava ficando normal, mas era só lembrar do beijo que acabamos de dar aqui nessa cozinha que tudo acelerava de novo.



Capítulo 16

Miguel Solano

Antes que desse seis da manhã eu já estava de pé com a minha mente fervilhando de tanto pensar. O jeito era descarregar as energias pintando, desci para o ateliê e comecei a pintar desenhos aleatórios, eu sabia que todos eles se referiam a Aysha, e não me preocupei com isso.

Dessa vez desenhei um quadro para dar para ela, tenho certeza de que vai gostar muito. Depois de sair do ateliê, tomei um banho e decidi ir até a casa da minha irmã, ontem liguei avisando que precisava conversar com ela. Ela ficou curiosa e quis que eu fosse ontem mesmo, dizendo que não conseguiria dormir se eu não

contasse ao menos o motivo. Me arrumei e saí de casa antes que Aysha chegasse.

Estacionei a moto em frente à casa da minha irmã e fiquei pensando se entrava ou não. Quando liguei para Milena, avisando que iria até a sua casa para conversar, ela já ficou preocupada, pensando que algo grave estava acontecendo comigo.

Para ela, pode não ser grave, mas, para mim, é. Estou me remoendo por dentro; desde o beijo que dei na minha empregada, não consigo dormir direito, meu corpo arde e minha mente dói de tanto pensar naquele dia.

Desci da moto, acionando o alarme e segui, parando na porta, tocando a campainha, a empregada abriu e entrei, seguindo para a sala, me sentei no sofá e logo Milena apareceu carregando Melinda, que segurava um urso pequeno de pelúcia, me levantei, beijando as duas, e peguei a sapeca no colo, que quis logo descer para o chão.

— Ela não quer mais estar no colo não, depois que começou a ficar de pé segurando nas coisas, dificilmente quer colo.

Fiquei sorrindo quando a vi se segurando no sofá, ficando de pé, tentando dar alguns passos, não tem nem nove meses e já quer andar, é mesmo uma esperta.

— Ela está crescendo tão rápido, às vezes me pego chorando, querendo a minha bebezinha de volta, acredita que às vezes ela dorme sozinha? Renato fala que já está na hora de dar um irmãozinho para ela, sabe que frequentemente eu também acho, quero que eles cresçam juntos e se tornem amigos, como nós dois, temos dois anos de diferença apenas. Quando eu nasci, você já estava com dois anos e, na adolescência e na juventude, você sempre se metia nos meus namoros, me protegendo, sinto tanta falta daquela época em que ainda morávamos com os nossos pais, uma pena eles terem ido tão cedo. — Milena me olhou com os olhos marejados, e eu a abracei, tentando confortar, ela sofreu tanto quando os nossos pais se foram.

Quando os nossos pais morreram em um grave acidente, eu tinha vinte e dois anos, e Milena, vinte. Quando soubemos da notícia, fomos a força um do outro, prometemos que nunca mais iríamos brigar, íamos ser unidos e cuidar um do outro. E hoje estamos mais unidos do que nunca.

Quando a minha esposa faleceu, ela cuidou de mim e cuida até hoje. Ajeitei-me no sofá e olhei para ela, a babá pegou Melinda no colo e saiu para levá-la para passear no quintal.

— Quando te liguei ontem e você disse que tinha muito tempo que eu não te procurava para desabafar, era porque nada acontecia na minha vida, quando digo nada, estou me referindo a minha vida sentimental. — Milena arregalou os olhos e se ajeitou no sofá, esperando-me prosseguir. — Beijeí Aysha e confesso que não paro de pensar nela, sinto que estou me apaixonando, não sei o que fazer, porque jurei no túmulo da Giovana que ela seria a única na minha vida. — Passei as minhas mãos pela minha barba, em seguida, me levantei do sofá, andando de um lado para o outro.

— Calma, Miguel. Se apaixonar por alguém não é o fim do mundo, tenho certeza de que Giovana está feliz vendo você seguir em frente, meu irmão. Você a amará para sempre, mas isso não significa que não poderá amar outra pessoa. Não mandamos em nosso coração, a vida segue. Eu estou muito feliz por você, Aysha é uma mulher especial, confesso que eu já notei o interesse de ambos quando fui a última vez em sua casa, a forma como se olham, a tensão que paira no ar quando estão perto um do outro... O que eu posso dizer para você nesse momento é se permita, viva o agora e deixe o depois acontecer. — Olhei para Milena sorrindo e a abracei, agradecendo.

— Mas é como se eu estivesse esquecendo a Giovana, e eu não quero isso, ela é e sempre será a mulher da minha vida. Mas Aysha me faz bem também! Ela é divertida e diz o que pensa sem receio. Eu estou tão confuso. — Olhei para Milena.

— Miguel, você não precisa pedir Aysha em casamento para beijá-la novamente, sair para se divertir, ou ir ao motel. É apenas

encontro, vocês são adultos, e adultos transam sem assumir compromisso nenhum. Você pode chamá-la para sair.

— Acredita que devo convidá-la para jantar? Para expressar os meus sentimentos por ela? Ou deixo as coisas irem acontecendo devagar? — Ela gargalhou e nos sentamos novamente.

— Faça o que você quiser, Miguel, só a deixe saber que você está a fim também. — Sorri, compreendendo o que ela quis dizer.

Ficamos um bom tempo conversando, Milena pediu para ficar para almoçar com ela, e resolvi aceitar, não avisei Aysha que não iria almoçar em casa.

Por volta das dezenove horas, fui embora da casa da minha irmã, pensando em tudo o que conversamos. Em vez de seguir para casa, fui para a casa de Aysha, nem pensaria sobre ir até lá, pois desistiria, acelerei a moto, querendo chegar logo em sua casa. Será que ela iria me receber? Me deixar entrar?

Agora era tarde, eu já estava em frente ao seu prédio, parado, conversando com o porteiro. Ele autorizou a minha entrada depois de ligar para ela avisando. Estacionei a moto e subi a escada, seguindo para o quinto andar.

No apartamento de número dezoito, toquei a campainha, sentindo os batimentos do meu coração acelerarem. Ouvi passos e logo a porta foi aberta.

Aysha, sem entender, ficou parada me olhando, seus cabelos estavam soltos e ela usava um vestido que mal cobria as coxas, e não consegui tirar os olhos da sua perna. Aposto que a sua pele devia ser macia. Ela notou os olhares gulosos que eu estava dando em direção de suas coxas. Logo ela começou a fazer perguntas, me tirando dos pensamentos sujos com ela.

— Senhor? Aconteceu alguma coisa? — Assenti, tirando os olhos das suas coxas e olhando em seus olhos.

— Sim, aconteceu. — Dei um passo à frente, e ela deu outro para trás. Entrei e fechei a porta com o pé.

— Aconteceu que você não sai dos meus pensamentos, mulher, é isso está me enlouquecendo — disse com a voz rouca, cheia de desejo.

Aysha anda para trás até as suas costas baterem na parede, espalmei a mão no piso, deixando-a totalmente encurralada.

— E-eu não entendo...

— Sei que sente o mesmo...

— O mesmo?

— Essa sensação esquisita sempre que estamos assim... — gesticulei — , perto um do outro.

— Miguel... — Coloquei um dedo em seus lábios, calando-a.

— Temos duas opções, Aysha — argumentei. — Eu posso virar as costas, ir embora e fingir que isso não aconteceu. Ou

podemos permitir que nossas emoções se libertem e ver no que isso vai dar. — Olhei para os lábios dela.

— E admito que estou louco para beijá-la. Louco para sentir cada pedaço de você, provar sua pele e sentir sua carne macia. Não penso em outra coisa... estou ficando maluco, Aysha. Você está tirando meu sono.

Terminei de falar e Aysha pulou em meu colo, me surpreendendo, sorri, andei com ela pela sala e me sentei no pequeno sofá, as pernas de Aysha estavam totalmente abertas para mim, meu pau já estava duro na cueca, doido para se libertar e se enterrar todo na boceta dela.



Capítulo 17

Aysha Matos

Não poderia deixar Miguel ir embora, não quando ele afirmou que está sentindo a mesma sensação que eu. Pulei em seu colo, puxando o seu cabelo, beijando a sua boca enquanto ele andava comigo até chegar no sofá e se sentou, fazendo com que as minhas pernas ficassem totalmente abertas para ele. Ouvi um gemido escapar do fundo da sua garganta quando rebolei, sentindo o seu pau ficando cada vez mais duro.

— Miguel — choraminguei quando sua língua desceu lambendo a pele do meu pescoço, sugando a minha carne, suas mãos habilidosas puxaram a barra do meu vestido, tirando-o do meu

corpo, me deixando apenas de calcinha, seus olhos gulosos miravam os meus seios e senti a minha vagina pulsar.

Enlouquecida de desejo, estremeci quando sua boca mordiscou um dos meus seios, deixando-o duro e sensível, a língua de Miguel rodeava o bico e passava para o outro fazendo a mesma coisa. Sem conseguir me controlar, descí a mão pelo seu corpo e apalpei a cabeça do seu pau por cima do tecido da bermuda. Novamente ele gemeu, tomando a minha boca em um beijo violento, deixando os meus lábios dormentes.

— Preciso me livrar dessas roupas — falou, se levantando, fiz exatamente o que queria fazer desde o episódio na cozinha de sua casa, me levantei e comecei a tirar as roupas dele, ele ficou parado, me deixando arrancar cada peça do seu corpo, desabotoei a bermuda e ela caiu sobre os seus pés, sem pudor me ajoelhei e fui tirando a cueca, meus olhos aumentaram um pouco de tamanho quando vi seu pau duro e grosso saltar, salivei, passando a língua pelos lábios.

Sem que Miguel esperasse, beijei a cabeça, passando a língua em seguida, sentindo o líquido pré-ejaculatório melar a cabeça, devagar suguei, em seguida, chupei, alternando em chupadas e lambidas, senti as pernas do Miguel começando a tremer.

— Porra, Aysha — falou.

Suas mãos me levantaram, me colocando de quatro no sofá, enquanto pincelava o pau em minha entrada. Rebolei em delírio, desesperada para que ele me penetrasse logo. Fazia tanto tempo desde a última vez que transei, sentia que gozaria a qualquer momento, devido à sensibilidade a cada toque ousado.

— Miguel... — gemi assim que ele se inclinou, lambendo minhas costas, enquanto eu rebolava feito uma lagartixa na areia quente.

As mãos experientes me abraçaram e o senti beliscar meus mamilos, em seguida, uma delas desceu e se colocou entre minhas pernas abertas.

Gritei no instante em que seus dedos tocaram meu montinho pulsante, pressionando e lambuzando-se com minha excitação.

— Tão sensível... — soprou ele no meu ouvido, mordendo o lóbulo da minha orelha. — Vamos ver como reage com minha boca fodendo a sua boceta.

Arrepios me tomaram por completo com suas palavras chulas.

No instante seguinte, me obriguei a me segurar, porque Miguel segurou meus quadris com firmeza e enfiou o rosto entre minhas pernas, me lambendo como se eu fosse um manjar. O ar ameaçou me faltar quando as carícias se intensificaram; Miguel me chupava e me dedava sem parar, sem piedade.

— Miguel! — exclamei, querendo me afastar, e, ao mesmo tempo, sentar-me na cara dele.

— Deixe vir, Aysha. Dê-me tudo. Eu quero tudo.

Essa foi minha deixa para me libertar. O orgasmo chegou me arrebatando, me derrubando do mais alto cume. Todo meu corpo foi

tomado por espasmos e, mesmo assim, Miguel continuou me chupando, lambendo cada gota que escorria...

— Você está completamente lambuzada, danadinha! — sussurrou no meu ouvido com a voz totalmente “sexy”.

— Quero que me foda logo, quero sentir todo o seu pau na minha boceta — reclamei, fazendo-o soltar um risinho.

Senti o seu pau escorregar devagar, pois já estava toda melada com o meu gozo, e rebojava conforme os seus movimentos, não tinha como me controlar, comecei a gemer o seu nome. Eu estava tão excitada que não duraria muito, teria o meu segundo orgasmo.

— Mais rápido, Miguel — com a voz embargada pelo prazer, pedia. Eu já não estava mais aguentando, precisava me libertar.

Rebolei, sentindo todo o meu corpo tremer, e tive um orgasmo tão forte que precisei me segurar com mais força no sofá para não cair.

Miguel começou a meter com força, começou a xingar gozando logo depois de mim, ele se inclinou e começou a beijar as minhas costas, senti quando saiu devagar de dentro de mim, me causando pequenos arrepios, ele se sentou no sofá, se livrando da camisinha, fiquei de olho em seu pau meio duro.

Sentei-me ao seu lado, sentindo as gotas de suor caírem sobre a minha testa, olhei para o rosto dele e constatee o quanto ele fica lindo suado, ele sorriu. Sem eu esperar, chegou mais perto de mim e começou a me beijar de novo.

Dessa vez fomos para o meu quarto, Miguel pegou a carteira, tirando o restante das camisinhas que estava dentro, não deu nem tempo de chegar, ele já foi logo me agarrando. Seus beijos faziam o meu coração doer, me sentia como se fosse realmente desejada pela primeira vez, ele adorava cada pedaço do meu corpo, sugava os meus seios, mordida a minha pele, tenho certeza de que ficariam marcados, mas isso não importava, só queria mais e mais.

Após pôr o preservativo devagar, subiu em mim, me fazendo abrir as pernas, completamente excitada e querendo sentir seu pau na minha vagina de novo. Sua boca desceu quente na minha, sua língua explorava chupando a minha, gemia alto, sentindo o seu comprimento na entrada da minha boceta, suspendi o meu quadril, querendo logo ele dentro de mim.

— Você é insaneável, garota! Quer o meu pau todo dentro de você novamente, Aysha?

— Sim, eu quero — inebriada pelo prazer, dizia.

— Então peça — falou, metendo o pau na entrada da minha boceta, o tirando. Olhei para ele fazendo cara feia, esse idiota faria eu implorar?

— Eu quero o seu pau todo dentro de mim — falei com a voz baixa, pois ele estava me torturando fazendo isso.

— Boa garota — disse, colocando o preservativo, me penetrando, arrancando vários gemidos.

— É assim que você gosta? — enquanto penetrava, perguntava.

Comecei a remexer também, acompanhando os seus movimentos, e já estava quase lá. Miguel começou a beliscar o bico dos meus seios, seus olhos enormes azuis me encaravam quando abri os meus.

Puxei a sua cabeça e comecei a beijá-lo. Mordi os seus lábios, os chupando, sentindo que já estava mais perto do orgasmo.

Miguel acelerou o movimento, e gozei, sentindo o meu corpo mole. Miguel gozou logo em seguida, caindo ao meu lado na cama. Com as nossas respirações ofegantes, olhamos um para o outro sorrindo.

— O que acha de tomarmos um banho, hum? Estou todo suado. — Miguel se levantou da cama, me puxando pela mão, protestei para não ir, queria ficar deitada, estava com preguiça.

Entretanto, tive que me levantar, pois ele não me deixaria em paz. Miguel ligou o chuveiro, entrando debaixo, a água estava muito gelada e gritei, rindo em seguida.

— O que acha de sairmos para jantar? — Sua pergunta me pegou de surpresa. Sorri, abraçando o seu quadril, ele começou a esfregar o meu cabelo depois de passar o xampu.

— Aceito, até porque estou faminta, você acabou comigo.

— Se prepare que mais tarde tem mais, e será na minha casa.

Só de imaginar as suas mãos novamente pelo meu corpo, ficava toda mole, sentindo a minha vagina pulsar, sedenta por ele.



Capítulo 18

Miguel Solano

Fiquei esperando Aysha terminar de se arrumar, tínhamos acabado de sair do banho depois de transar como dois coelhos debaixo do chuveiro. Me sentia revigorado, como não me sentia há anos. Depois de transar com outra mulher, só queria ir para casa e tomar um banho para tirar o cheiro delas do meu corpo, mas com Aysha é diferente, com ela, quero mais e mais.

— Para onde vamos? — Aysha perguntou, voltando para sala, ela usava um vestido soltinho, preto, com sapatilhas da mesma cor. Estava linda, suspirei, caminhando em sua direção.

Sabia que iríamos de moto, mas não quis que ela trocasse a roupa, estava muito bonita. Aysha suspendeu o olhar e percebeu que eu estava olhando para ela com olhos esfomeados.

— Uau! Você está linda! — falei, abraçando a sua cintura e beijando seus lábios doces.

Nosso beijo ficou mais urgente e foi preciso parar, ou não sairíamos de casa.

— Na minha opinião, poderíamos ficar aqui na sua casa e passar o dia na cama. Entretanto, quero te levar para jantar, foi ideia da Milena.

Aysha colocou a mão na cintura e ficou esperando por uma explicação.

— Você contou a ela que viria para a minha casa?

— Na verdade, contei-lhe sobre tudo o que está acontecendo comigo, a minha irmã é a minha melhor amiga e, quando estou confuso, converso com ela. Ela já sacou o que estava rolando entre

a gente, a minha irmã percebe tudo. E ela está bem feliz. Agora vamos, reservei no restaurante para as vinte horas, não gosto de atrasos.

— Como se eu não soubesse que o senhor perfeito não tolera atrasos — brincou e sorriu.

— Você acredita que ela pensará que sou uma péssima funcionária por ter transado com o meu chefe? — perguntou de repente.

— Isso não é da conta dela, e Milena não é de se meter na minha vida. Fique tranquila em relação a isso — falei, passando a mão em seu rosto.

— Você fica tão linda com os cabelos soltos, eles são tão macios. Sempre vejo você com os cabelos presos e cobertos, percebi agora serem lindos — falei, cheirando os seus cabelos.

Sáímos pela porta, descemos a escada de mãos dadas, não sabia o que pensar a respeito disso tudo que estava acontecendo,

só sabia que estava gostando muito. Percebi em poucos minutos que Aysha é muito carinhosa, atenciosa, além de ser muito gostosa.

Chegamos ao estacionamento do prédio, subi na moto e Aysha subiu em seguida, abraçando a minha cintura, senti o cheiro do seu perfume e me lembrei dos nossos pequenos momentos a minutos atrás. Sorri, animado, sabendo que iria para a minha casa e a tomaria em seus braços novamente. Só de imaginar as minhas mãos passeando pelo meu corpo, senti o meu pau pulsar na cueca.

Parei em frente ao restaurante italiano, descemos da moto, ajudei Aysha e saímos de mãos dadas, de repente ela parou de andar, se virou para mim, dizendo.

— Eu poderia ter escolhido um vestido melhor se você tivesse me dito que viríamos nesse restaurante chique. — Olhei para ela, balançando a cabeça.

— Você está linda, deixe de bobagem. — Peguei as suas mãos e levei aos lábios, beijando. Ela sorriu, manhosa.

A recepcionista nos levou para nossa mesa, coloquei as mãos nas costas de Aysha, guiando-a, em seguida puxei a cadeira para ela se sentar. Agradei, me sentando em seguida. Sentei-me de frente para Aysha, percebi o seu nervosismo e logo a tranquilizei.

— Pedirei uma massa que adoro, mas não como sempre, evito sair da dieta — falei, chamando o garçom e pedi duas taças de vinho.

O garçom nos serviu as duas taças de vinho, não beberei mais que isso, pois estou de moto e levo muito a sério o ditado: se beber, não dirija.

O garçom trouxe os nossos pratos e começamos a comer, realmente o fettuccine é uma massa deliciosa, que você come lambendo os lábios.

— Que tal? — perguntei quando acabamos, tomei mais um pouco do vinho e Aysha respondeu.

— Uma delícia, já estou querendo fazer para você, já que é a sua massa preferida — falou.

— Uma vez a cada dois meses, por favor. — Começamos a sorrir, de repente fiquei sério. — Nunca mais havia tido uma noite tão agradável desde que fiquei viúvo. Você chegou há pouco tempo e já está mudando muitas coisas em mim, sei que se assustará com o que falarei, mas sou bem sincero, Aysha, não gosto de ficar escondendo o que sinto, e estou gostando realmente de você. — Fiz carinho na sua mão e nossa sobremesa chegou, começamos a comer.

— Eu também estou gostando de você, Miguel, pode ser pouco tempo que nos conhecemos, mas não posso mais negar o óbvio. — Sorri, pegando a mão de Aysha, levando aos lábios, beijando.

Contei para Aysha que eu e Milena brigávamos tanto quando éramos adolescentes, que eu morria de ciúmes dela quando algum

menino ficava interessado em namorá-la. Falei também da perda dos nossos pais. Que eu e minha irmã ficamos mais unidos depois que faleceram, que ela me ajudou muito quando perdi a minha esposa. Falar de Giovana sempre dói. Ela me contou ser filha única, que a mãe mora em outra cidade. Que decidiu vir para Nova Primavera depois de uma desilusão amorosa!

Depois de pedir a conta, seguimos para a minha casa. Eu estava mais ansioso por tê-la novamente, pois sabia que seria tão bom quanto a primeira vez.

De pé, fiquei observando Aysha dormindo completamente nua na minha cama, apenas com o lençol fino cobrindo a parte de baixo do seu corpo, seus seios ficaram de fora. Suspirei, me aproximando mais da cama, era praticamente de manhã e era domingo, me levantei porque sempre acordo cedo para correr, mas hoje ficaria na

cama, até porque estava chovendo, e eu não gosto de sair nesse tempo.

Entrei debaixo dos lençóis, beijando as pernas de Aysha, cheguei em sua coxa e comecei a morder a pele macia. Ouvi os gemidos dela quando passei a língua devagar em sua boceta, ela arqueou as costas em resposta quando chupei o seu clitóris, introduzi um dedo dentro da sua boceta e percebi o quão encharcada ela estava, meu pau já estava totalmente duro. Intercalava entre lambidas e chupadas, a fazendo se contorcer, Aysha começou a murmurar algo, puxando o meu cabelo, rebolando contra a minha boca, segurei as suas pernas com força quando ela começou a gemer alto, gozando, suguei até a última gota do seu delicioso mel. Tirei o lençol que cobria o meu rosto e mirei os seus grandes olhos negros.

— Oi! — falei, sorrindo.

— Quero ser acordada assim mais vezes — disse, enfiando os dedos nos meus cabelos, fechei os olhos, sentindo uma sensação prazerosa.

Subi mais para encaixar o seu corpo no meu e a deixei perceber que eu estava tão excitado quanto ela. Meu pau se esfregava na sua boceta melada, me deixando doido para empurrar fundo dentro dela.

— Quero comer essa sua boceta deliciosa — sussurrei, mordiscando o lóbulo da sua orelha.

Aysha levou uma das mãos, alcançando o meu pau, e começou a massagear devagar, me fazendo gemer. Puxei o seu corpo, fazendo com que ela ficasse por cima de mim. Agarrei seus seios enquanto se sentava no meu pau, rebolando, me levando à loucura.

— Oh, Miguel! — dizia o meu nome com os olhos fechados, fazendo algo dentro de mim doer. Empurrava o meu quadril com

força, segurando em sua cintura. Inclinei o meu corpo para frente, chupando um dos seios, abandonei-os e procurei a sua boca, nos beijávamos às pressas, como se o mundo fosse acabar.

Aysha cavalgava segurando em meu ombro, já estava próximo de gozar e me ajeitei, mudando as nossas posições. Penetrei, metendo mais forte e mais rápido, assumindo o controle com outra investida, fazendo-a gemer alto. Senti as gotas de suor se formarem na minha testa, empurrei devagar, sentindo meus braços e pernas tremerem.

O barulho em meu quarto se tornava mais alto com os nossos corpos batendo um no outro, empurrei com mais força, me libertando, e logo Aysha me acompanhou, arfando e chamando o meu nome, arranhando as minhas costas, atingindo o êxtase e dando um sorriso pós foda perfeito. Nossos movimentos foram se acalmando e nossas respirações normalizando. Deitei-me e puxei Aysha para se deitar em meu peito, comecei a fazer carinho em

seus cabelos, sentindo o sono chegar. Com os olhos fechados, nós dois pegamos no sono.



Capítulo 19

Aysha Matos

Dois meses depois...

Dei bom-dia ao segurança e passei sorrindo pelo caminho de pedras brancas, eu estava feliz, quase flutuando na verdade, nunca me senti tão bem como estou agora.

Há dois meses que eu e Miguel estamos juntos, ainda não nomeamos nosso relacionamento, e está bom desse jeito. Fui até o jardim, cumprimentando o seu Tenório com um abraço, ele gargalhou sem entender nada. Me entregou uma rosa amarela, que levei ao nariz, inalando o cheiro. Dei adeus para ele e segui, andando para a frente da casa.

Ontem à noite conversei com a minha mãe e contei tudo para ela. Ouvi conselhos sobre ir devagar e manter sempre o pé no chão, pois, como ela diz, eu sou muito emocionada quando se trata de me envolver com alguém, eu confio demais nas pessoas. Ela tem razão, mas sinto que dessa vez será diferente.

Falei que Miguel é um homem de trinta e seis anos e já passou por muitas coisas na vida. Ele é gentil, amoroso e me entende perfeitamente.

Minha mãe age dessa forma de modo protetora porque sabe o quanto sofri com Sérgio, mas isso é passado.

Abri a porta e entrei em casa, indo direto para o quatinho trocar de roupa, bocejei, me olhando no espelho, estava com um pouco de olheiras, pois não consegui dormir essa noite, senti uma leve dor de cabeça, tomei analgésico, mas não passou totalmente. Deve ser o período menstrual que está se aproximando. Tem mês

que não sinto nada, mas tem mês que fico jogada, sofrendo de cólicas e enjoos.

Saí do quarto usando o meu uniforme, amarrando o cabelo, fui até a geladeira, pegando uma garrafa de água e bebendo um copo cheio, depois fui até a o balcão, onde o cardápio ficava anotado, e vi o papel em cima, sorrindo, quase corri para saber o que estava escrito. Peguei o papel e comecei a ler.

“Cardápio de hoje:

“Chef totalmente nua, deitada na poltrona no meu ateliê

Estou te esperando”.

Balancei a cabeça, esse homem é inacreditável.

Sorri, tirei avental e soltei os cabelos, e depressa caminhei para o ateliê, sentindo o meu ventre contrair, com certeza a minha calcinha já estava encharcada, esse homem a cada dia faz me apaixonar cada vez mais. Ainda não confessei isso para ele, mas

estou doida para me declarar, tenho certeza de que o que sinto por ele é amor. Sinto que ele sente o mesmo por mim.

Abri a porta do ateliê e desci a escada, sentindo as minhas pernas fraquejarem com o pensamento sobre o que iríamos fazer lá dentro. Suspirei, entrando, e vi Miguel parado em frente a um quadro em branco, ele usava um avental e estava sem camisa por baixo, usava apenas uma bermuda, suas costas largas e os braços fortes não escondiam que ele estava em forma. Suspirei, chegando perto dele e, assim que me viu, pediu para ir até a poltrona, pediu também para que tirasse as minhas roupas e ficasse completamente nua.

Arfei, porém, não protestei, estava gostando do seu jogo de sedução e doida para ficar nua. Me despi e me sentei na poltrona, Miguel, todo sério, se aproximou e me colocou em uma pose, me deitei, olhando para cima. Por um breve momento, fiquei com um pouco de vergonha, pois nunca havia posado antes para algo do

tipo. Saber que ele iria me desenhar sem roupas me fez sentir especial.

Miguel olhava para mim de modo pensativo e começou a rabiscar o quadro, ele estava sério, trocava as cores das tintas, passava os dedos contornando as linhas finas, observei os seus olhos demoradamente em meus seios e senti o meu pontinho piscar de desejos, querendo ser tocada por ele. Soltei o ar devagar.

Com os braços cruzados, ficou analisando a tela, franziu o cenho e olhou para mim, me chamou com o dedo, me levantei e caminhei em sua direção.

Abobalhada, coloquei a mão na boca, admirada com a pintura, era eu nua, com o rosto sério. Nunca imaginei que ele também fazia esse tipo de arte.

— Eu não consigo acreditar que você fez uma pintura minha e ficou tão perfeita. Muito obrigada! — falei, abraçando Miguel, que me suspendeu em seu colo e me levou para a poltrona, me fazendo

sentar de pernas abertas. Seus olhos foram para a minha vagina, que já estava molhada e sedenta por seu pau. Joguei a minha cabeça para trás, fechando os olhos. — Miguel — com a voz manhosa, falei quando o seu dedo começou a friccionar a minha entrada, tocando em meu clitóris, rebolei sentindo aquela sensação de prazer me preencher. Seu dedo entrava e saía, enquanto o outro massageava o meu pontinho sensível.

Miguel tirou o avental, em seguida, a bermuda e, para a minha surpresa, ele estava sem cueca. Seu pau pulou duro e grosso para fora, a cabeça estava melada. Pegou um preservativo, desenrolando na extensão do seu pau. Sem aviso, me deitou e montou em cima de mim, enfiando o pau todo de uma vez só, me fazendo soltar um gritinho. Coloquei as pernas prendendo firmemente em seu quadril, sentindo a grossura do seu pau entrar e sair. Sua boca tocou a minha, e foi como faísca, nossos beijos tornaram-se urgentes, nossas línguas duelavam uma com a outra.

— Porra, Aysha, toda vez que geme o meu nome eu me transformo em um animal selvagem. A minha vontade é de nunca mais sair de dentro dessa sua boceta gostosa, te comer toda hora, não consigo dormir direito pensando em você, a porra da minha vida se transformou em outra quando te conheci. Quer namorar comigo? Sei que parece muito cedo, mas sou assim, intenso. Não sei ter nada pela metade.

Meus olhos se encheram de água ao ouvir a pergunta de Miguel. Eu não estava acreditando, ele queria que eu fosse sua namorada? Não sabia se gemia de prazer ou se chorava. Sorrindo, disse sim.

— Eu quero ser a sua namorada sim, Miguel. Estou completamente apaixonada por você — me declarei por fim. Ele sorriu, me beijando, era um beijo diferente dessa vez, tinha sentimento.

Seus movimentos eram lentos, seus olhos fechados o deixavam tão bonito, com a expressão de prazer.

— Por favor, Miguel, me liberte desse desejo, quero gozar, quero que me faça gritar o seu nome.

Miguel acelerou as investidas, mordendo o meu ombro, suas mãos apertavam a carne da minha coxa, me fazendo gemer de prazer. Um urro saiu do fundo da sua garganta e senti quando ele gozou e logo gozei também , gritando o seu nome, gemendo, bêbada de prazer. Ficamos abraçados ainda na poltrona, sentindo as batidas dos nossos corações apaixonados um pelo outro.

DUAS SEMANAS DEPOIS...

Levantei-me de madrugada e corri para o banheiro, sentindo muita dor de cabeça e enjoo, estava no meu apartamento, Miguel não queria que eu viesse para cá, ele foi para um evento e só retornaria amanhã, ele queria que eu fosse com ele, mas achei

melhor não ir. Ele reclamou, dizendo que já estava acostumado a dormir comigo. Disse que na sexta-feira nos encontraríamos e passaríamos o final de semana juntos.

Vomitei toda a comida que comi no jantar, minhas pernas tremiam e consegui abrir a torneira da pia, lavando a minha boca. Voltei para a cama, me arrastando e me joguei, gemendo de dor. Em cima da mesinha, tinha água e analgésico, peguei um e coloquei na boca, engolindo e bebendo a água toda. Estava suando, mesmo com o ventilador ligado, eu estava completamente suada. Tirei o meu pijama e fiquei nua, consegui arrumar uma posição e fechei os olhos, conseguindo dormir.

Acordei com o barulho do meu celular tocando, estiquei o braço, procurando o aparelho e vi o nome do Miguel piscar no visor. Atendi a ligação.

— Oi! Aconteceu alguma coisa? — falei baixo, com a voz sonolenta.

— Te liguei cinco vezes, e você não atendeu, já estava preocupado. Amanhã cedo embarco e, à noite, chego em casa. Te espero lá, estou morrendo de saudades. — Abri um largo sorriso e vibrei por saber que ele já estava chegando.

Depois de encerrar a ligação com Miguel, fui tomar um banho, ele me deu folga do trabalho e vou aproveitar para visitar a minha amiga Sueli. Ontem ela me ligou e disse que está com saudades.

Saí do banho e já eram quase dez horas da manhã, me arrumei e saí do quarto, pegando a minha bolsa.

Abri a porta e caminhei até o elevador, graças a Deus já está consertado. Entrei e acionei o botão do térreo, novamente a minha cabeça começou a doer. Chamei o carro de aplicativo e esperei quase três minutos quando chegou. Eu devia estar gripando, a minha cabeça não doía tanto assim, a não ser que estivesse resfriada.

Chegando na casa da Sueli, bati palma e Maria, quando me viu, começou correr para abrir o portão, gritando para mãe que eu tinha chegado.

— Nossa, como você cresceu, está uma mocinha linda — disse, abaixando para lhe dar um abraço.

Abracei Sueli e ela estava preparando o almoço, hoje ela estava de folga do trabalho. O cheiro estava maravilhoso, ela comentou que eu emagreci e estava com expressão de doente. Falei que estava ficando resfriada, e não sentia muita fome ultimamente.

Conversamos mais um pouco e o almoço foi servido, Maria comeu e foi para a escola, ficamos somente eu e Sueli. Pedi para ir ao banheiro e, quando me levantei novamente, senti enjoo e corri antes que vomitasse na sala, fiquei um pouco mais no banheiro, esperando a sensação passar. Retornei para sala e Sueli estava sentada no sofá pensativa.

— Eu acho que foi o sushi que comi ontem, comi demais. Vomitei ontem também. Nunca mais compro esse tipo de comida — comentei, me sentando ao lado dela.

Ela me olhou com a testa enrugada.

— Aysha, tem certeza de que você não está grávida? — Me virei para ela assustada, pior que eu não tinha pensado na possibilidade, e ainda não fiquei menstruada, aliás, a minha menstruação sempre foi desregulada, mas está muito atrasada. Senti um nervosismo tão grande, eu e Miguel transamos uma única vez sem camisinha e logo eu procurei tomar anticoncepcional. Eu não posso estar grávida!

— Será, Sueli, será que eu estou grávida?

— O único jeito é fazer o teste, Aysha. Para a sua sorte, eu tenho dois testes de farmácia que sobraram, eu comprei tem uns dias, achei que estivesse grávida, mas foi só um susto. Vou no quarto buscar, espera!

Assim que retornou, peguei os dois testes e fui para o banheiro fazer. Fiz xixi nos dois e fiquei esperando dar os minutos, estava roendo as unhas, ansiosa.

— Quando me contou que estava namorando o seu chefe, eu fiquei feliz por você, tenho certeza de que, se estiver grávida, ele ficará feliz — disse.

— Não sei se ele ficará feliz, acho que vai ficar assustado no começo, ele já foi casado e agora é viúvo. Ele ainda sofre pela esposa falecida — contei.

Os minutos se passaram e fui pegar os testes, dei um para Sueli e fiquei com o outro, orando para que fosse apenas um susto. Tem que ser apenas um susto.

Nós duas nos olhamos na mesma hora. Pelo jeito que ela me olhou, deu positivo.

— Positivo — falamos em uníssono.

Me joguei no sofá, colocando as mãos no rosto. Soltei um gritinho, em seguida, comecei a chorar. Sueli me abraçou, dizendo que iria ficar tudo bem, mas não era isso que eu acreditava. Eu e Miguel estávamos juntos há pouco tempo. Amanhã teria que contar a ele sobre a minha gravidez.

Que Deus me ajude!



Capítulo 20

Miguel Solano

Recebi um convite para estar presente em um evento de pintura e, no final, discursaria. Aysha não quis vir comigo, ela disse que nosso namoro é recente e achou melhor não me acompanhar. Entendi o seu ponto de vista e aceitei sua decisão.

Durante anos fiz acompanhamento com psicólogo para tentar aliviar a dor do luto, para tentar entender que, quando perdemos alguém que amamos, precisamos deixá-la ir. Quando Giovana morreu, eu não quis aceitar, guardei muitas coisas dela, principalmente a caixa com a surpresa que ela tinha feito para mim, não quis me desfazer, mas acho que já está na hora. Irei amá-la

para sempre, mas encontrei outra pessoa que faz o meu coração bater tão forte quanto ela fazia quando estava viva.

Desembarquei no aeroporto de Nova Primavera, peguei a minha mala, colocando dentro do táxi e indo diretamente para a minha casa, estava contando as horas para encontrar Aysha. Estávamos namorando há praticamente mais de duas semanas e, para mim, já eram mais de meses.

Com ela, sinto que o tempo voa, Aysha se tornou uma pessoa muito importante na minha vida. Quando liguei para Milena contando sobre o pedido, ela vibrou de felicidade, disse que precisamos comemorar com um jantar, tudo para ela é motivo de comemoração.

O táxi parou em frente à minha casa, paguei o motorista e saí, o portão de casa foi aberto e entrei, puxando a mala, tinha comprado um presente para a minha namorada, tenho certeza de que ela irá gostar.

Abri a porta de casa e entrei, a sala de estar estava iluminada e segui apressado, largando a mala no meio do caminho. A mesa de jantar estava posta e, pelo que percebi, era um jantar à luz de velas.

Aysha se virou, andando na minha direção, ela estava descalça, usando um vestido curto, seus cabelos estavam soltos, esboçou um sorriso, mas notei que não era um sorriso feliz, ela estava nervosa.

Ergui seu corpo, fazendo-a enrolar as pernas em volta da minha cintura, caminhei até o sofá, colocando-a sentada. Rapidamente me liberei das minhas roupas, joguei-as no chão, Aysha tirou o vestido e a calcinha. Fui para o sofá, voltando a beijá-la, eu estava sedento por ela. Não aguentava ficar mais um dia sem poder tocá-la. Poucos minutos depois, estávamos gemendo um na boca do outro, remexia o meu quadril rapidamente em busca de alívio.

— Senti tanta falta dessa boceta gostosa — falava, empurrando cada vez mais fundo.

Aysha gemia passando as unhas nas minhas costas. Olhei-a e vi um brilho diferente em seus olhos . Inclinei o meu corpo e abocanhei um dos seios, chupando o bico, que logo ficou duro, em seguida, beijei os seus lábios. Eu já estava à beira do abismo, arremeti com mais força, ouvi Aysha gemendo alto, soltando gritinhos de prazer, seu orgasmo foi forte, sua respiração estava alta. Baixei a minha cabeça, mordendo a pele do seu pescoço e gozei logo depois dela. Completamente nus em cima do sofá, ficamos abraçados.

— Eu estava morrendo de saudades de você, querida — falei, abraçando-a, cheirando-a, enfiando meu nariz na curva do seu pescoço, ela me abraçou tão apertado, senti que algo estava acontecendo. Me lembrei do seu presente e fui até a mala para pegar, antes vesti a cueca. Retornei, entregando a caixa para ela.

— O que é? — perguntou, desamarrando o laço.

Seus olhos estavam marejados quando ela tirou um urso de pelúcia de dentro da caixa.

— Eu não sabia o que comprar e, quando vi esse urso de pelúcia usando avental e *toque blanche*, me lembrei de você imediatamente.

— É lindo, amor. Obrigada. Quer jantar agora? — Aysha pegou o vestido do chão e a calcinha, pedindo licença para ir até o banheiro.

Quando voltou, seu semblante estava como se tivesse chorado.

Peguei a caixa e o urso e coloquei sobre a mesa, peguei a mão de Aysha e levei até o sofá onde acabamos de fazer amor. Nos sentamos e me virei para ela, queria olhar em seus olhos e entender o que se passava, ela estava estranha. Parecia que algo a sufocava.

— O que aconteceu? Você está preocupada, aconteceu alguma coisa com você, ou com sua mãe? — Aysha se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Miguel, sei que estamos juntos há pouco tempo, eu amo você, disso não tenho dúvidas, e sei que o seu amor por mim é recíproco também. Mas, amor, lembra aquela vez que transamos sem camisinha e achei que não engravidaria? E, no outro dia, comecei com o anticoncepcional? — Afirmei que sim, que me lembrava desse dia, fomos apressados, não deu tempo de usar a camisinha.

— Eu passei mal ontem à noite, vomitei, tive muita dor de cabeça e fiz o teste de gravidez. E deu positivo, eu estou grávida. Estou morrendo de medo, sei que você também deve estar. O que faremos agora?

Me levantei do sofá em um pulo, me lembrando de tantas coisas. Olhava para Aysha sem reação alguma, tentei abrir a boca

para falar algo, mas era em vão, nada saía, um nó se formou em torno da minha garganta. Catei a calça e a camisa do chão, vestindo apressadamente, calcei os sapatos, peguei a chave da minha moto e saí em direção da porta. Ouvi a voz de Aysha me chamando, mas não conseguia parar, era como se, a cada vez que ouvisse a voz dela, algo me empurrava para longe. Ela estava grávida.

AYSHA MATOS

Corri atrás de Miguel, chamando o seu nome para que ele me falasse alguma coisa, mas nada adiantou, ele saiu fugindo, como se eu tivesse confessado que tinha feito algo ruim. Ele me deixou sozinha em sua casa e foi embora, saiu sem ao menos falar nada a respeito da minha gravidez. Está na cara que ele não quer esse filho.

Soluçando, calcei as minhas sapatilhas, peguei a minha bolsa e saí batendo a porta com força, o segurança tentou falar comigo, mas não dei ouvidos para o que ele estava tentando me dizer.

Do lado de fora do portão, chamei o carro de aplicativo. Não queria ir para a minha casa e ficar sozinha, então fui para a casa da Sueli, ela me disse que, se eu tivesse algum problema, era só procurar por ela, éramos amigas, ela era a única pessoa mais próxima de mim. E foi o que eu fiz, liguei para ela de dentro do carro, eu estava chorando muito. Não sabia o que fazer, estava me sentindo sozinha. Não queria preocupar a minha mãe.

Em frente à casa, Sueli me esperava. Assim que desci, ela veio na minha direção, me abraçando, eu só chorava. Ainda bem que o seu Álvaro e Maria já estavam dormindo, não queria que ele me vissem assim.

— Minha amiga, esfria a cabeça, não fique assim. A reação dele foi sair para talvez pensar no assunto — comentou depois de relatar tudo para ela.

— Ele não disse nada, apenas me olhou com olhos frios e saiu, me deixando sozinha na casa. Parece que eu tinha dito que havia matado alguém. — Funguei, tomando a água com açúcar.

— Calma, Aysha, talvez seja melhor deixar ele assimilar tudo. Depois, com a cabeça mais fria, vocês conversam para resolver tudo. Você só não pode ficar assim, nervosa, tem um bebezinho dentro de você, minha amiga, e ele precisa que a mamãe dele esteja bem calma. Venha, durma um pouco, amanhã tudo ocorrerá bem. Tenho certeza de que as coisas vão se ajeitar. Você e Miguel

irão se acertar, tenho certeza de que ele terá uma explicação para tudo isso.

DUAS SEMANAS DEPOIS..

Miguel não apareceu para conversar comigo, passei o final de semana esperando por ele quando contei que estava grávida. Na segunda-feira, não fui trabalhar; na terça-feira, também, e a semana sucedeu toda assim, fiquei trancada em meu apartamento e nem mesmo as ligações de Milena atendia. Só falava com Sueli.

Sei que isso pode soar como um mau profissionalismo da minha parte, mas eu não consigo, a rejeição de Miguel me deu gatilho.

Depois de duas semanas trancafiada nesse apartamento, hoje decidi procurar Milena e receber os meus dias trabalhados, tendo em vista que eu abandonei o emprego e perdi os meus direitos trabalhistas, mas apenas os meus dias trabalhados já dão para comprar a passagem de volta para a minha cidade. Com certeza as coisas irão melhorar, posso trabalhar até que o meu filho nasça, tenho força de vontade e isso já basta.

Desci do ônibus e andei um pouco, atravessando a rua, Milena iria me receber em sua casa; pela voz dela preocupada, seu irmão já deve ter contado tudo. A minha entrada já estava autorizada e, assim que toquei a campainha, a secretária abriu a porta. Milena estava na sala, me esperando, assim que me viu, se levantou; pela cara que ela fez, eu devo estar com a aparência horrível.

— Meu Deus, Aysha. Você está se alimentando direito? Desculpa ser tão direta assim, mas você emagreceu muito. Precisa se cuidar. Olha, eu não sou de ficar enrolando, ou esperando você me contar para eu fazer de conta que não sabia de nada. Já temos bastante intimidade para isso, você e meu irmão namoram, ou namoravam, além de cunhada, te tenho como amiga, e agora você está esperando um sobrinho meu. Sei que a atitude de Miguel não foi das melhores, mas, para tudo, tem uma explicação — disse, me abraçando, deixei as lágrimas caírem, eu estava tão sensível, por tudo eu chorava. Milena pediu para a empregada trazer água.

— Eu só te procurei para me desculpar, sei que estou sendo uma profissional bastante irresponsável, larguei o meu trabalho, e não te comuniquei. Deixei a tristeza me dominar e caí em um abismo. Sei que perdi todos os meus direitos, quero apenas os meus dias trabalhados, preciso comprar a passagem para voltar para a minha cidade — falei, bebendo a água.

— Aysha, eu sei que a reação do Miguel não foi a que você esperava quando contou sobre o bebê, mas, se você ouvir o que ele tem para contar, tenho certeza de que você entenderá — disse, tentando explicar o lado do irmão.

— Quando era para explicar algo, ele sumiu, me deixando sozinha. E não me procurou todo esse tempo, por que eu iria querer ouvi-lo agora? Dei tempo a ele, e me afundei chorando, agora me reergui e vou embora, irei criar o meu filho assim como a minha mãe me criou sozinha — afirmei, me levantando do sofá.

— Você está certa sim, não tiro a sua razão. Só espero que tudo se ajeite, estou torcendo por isso, pode deixar que irei fazer o depósito em sua conta. Só não vá sem se despedir de mim, quero saber de tudo, acompanhar o crescimento do meu sobrinho. —
Chegou perto de mim, alisando a minha barriga.

Me despedi de Milena e fui para a minha casa, ainda tinha um dinheiro na minha conta e fui fazer compras; em casa, não tem nada para comer. Comi ontem os últimos sanduíches que fiz.

DIAS DEPOIS...

Me despedi da minha amiga Sueli e entrei no carro, indo para a rodoviária. Chorosa, enxuguei as minhas lágrimas dando adeus, Milena tinha me enviado mensagem cedo, me desejando sorte e que estava triste por eu ter decidido ir embora, mas que não era para eu sumir, assim que desse, ela iria me visitar. Tenho certeza de que ela depositou dinheiro a mais na minha conta.

Puxava a minha mala em direção ao guichê para comprar passagem e ouvi o meu nome sendo chamado, eu conheci a voz na hora, era Miguel, ele desceu da moto e veio correndo na minha direção, ele estava magro também e a barba estava grande. Não sabia o que dizer, apenas fiquei parada, sem reação alguma.

— Não vai embora, Aysha. Por favor — disse, ofegante.

— Fica e case-se comigo. Eu quero muito o nosso filho e você também.

Miguel me abraçou, me girando, estávamos os dois chorando. Ele se ajoelhou e beijou a minha barriga.

— Case-se comigo, hum? Diz que sim, eu sou um cara muito idiota, mas eu te amo. Precisamos conversar, venha, vamos para a nossa casa. Mas antes responda a minha pergunta. — Ficou parado, esperando a minha resposta.

— Você me magoou muito, Miguel. Eu não sei se quero me casar com você. Poxa, eu não fiz esse filho sozinha! No mínimo, você teria que conversar comigo a respeito, não me dar as costas, sair e passar quase um mês sem falar comigo. Não quero um homem que não diz o que está se passando na sua vida para a mulher que ele diz amar. Poderemos conversar sim, posso pensar e darei a resposta depois.



Capítulo 21

Miguel Solano

“Eu estou grávida”, essas três palavras tão pequenas tinham um poder tão grande e me transportavam para um lugar de dor e sofrimento.

Quando Aysha revelou que estava grávida, era como se tudo congelasse. Sua expressão de dor e seu rosto choroso quando eu virei as costas a deixando sozinha foram as únicas que a minha mente conseguiu captar.

Naquela noite montei na minha moto e saí sem rumo, quando dei por mim, estava em frente ao cemitério onde Giovana foi sepultada. Era tarde da noite e fiquei até de manhã, esperando o

portão abrir, me encolhi em um canto e passei a noite. No primeiro horário da manhã, os portões se abriram; desesperado, caminhei apressadamente pelo corredor de sepulturas, chegando até a dela.

“Ninguém morre quando permanece vivo no coração dos que amamos. Giovana Alencar Solano, esposa e filha amada”.

— Gio, sei que agora você deve estar triste com minha atitude. Porque eu também estou. Errei com ela, a Aysha. Eu a amo, Gio, e amo também você, amor. Mas você se foi, e eu fiquei aqui, sendo punido todos os dias. Até que ela apareceu com a sua língua afiada e seu jeito carinhoso de cuidar de mim. Sabe, quando eu soube que ela estaria esperando um filho meu, eu só lembrei de você e do nosso bebê que estava crescendo em seu ventre. Infelizmente o acidente aconteceu e tirou vocês de mim. Mas a vida me deu uma segunda chance. Eu vou ser pai. Hoje vim dizer adeus, mas, nas minhas lembranças, você permanecerá viva.

Uma brisa fria tocou o meu rosto, as folhas do chão se espalharam, enxuguei os olhos e saí sem olhar para trás. Era vida nova. Apesar de ter demorado mais de duas semanas para que eu caísse em mim e perceber que eu estava perdendo a mulher que amo.

Milena quase me bateu quando contei tudo a ela. Eu não conseguia sair de casa, todos os dias iria ver se ela estava na cozinha, mas não estava. E fiquei trancado no meu ateliê, mal comia, e não dormia direito. Até que recebi uma mensagem de Milena, me chamando de idiota e otário, claro que tive que concordar com ela, na mensagem dizia que eu iria perder uma mulher maravilhosa se eu não acordasse para a realidade e que Aysha precisava de mim. Teria que correr atrás do perdão da mulher que eu amava.

Disse que Aysha estava indo embora de Nova Primavera e já estava na rodoviária. Que eu teria que ser rápido, ou a perderia de vez.

Troquei de roupa o mais rápido possível e fui atrás dela. No meio do trânsito, desviava dos carros, sempre fui prudente, mas dessa vez teria que correr um pouco para chegar a tempo.

Deixei a moto de qualquer jeito no estacionamento e saí correndo quando avistei Aysha segurando a mala. Com muito custo, a trouxe de volta para a minha casa, a pedi em casamento, mas ela decidiu que iria pensar. Ela está muito magoada comigo, e lhe dou razão.

— Quando Giovana morreu, ela estava grávida, fomos ao casamento da Milena e ela me contou que tinha uma surpresa em nosso quarto que, quando chegássemos em casa, eu veria. Eu passei o casamento todo pedindo que ela me contasse o que era, pois não tenho paciência para surpresas. — Ri sem vontade. — Quando a festa do casamento acabou, dei graças a Deus, pois a curiosidade estava me matando. Na volta para casa, começou a chover, eu sempre fui prudente no trânsito, mas um carro atravessou o nosso lado em alta velocidade, batendo no nosso,

fazendo-o capotar várias vezes. Quando acordei do desmaio, vi o corpo da Giovana ao meu lado, todo sujo de sangue. Ela já estava morta, fui levado ao hospital, eu não me lembro de muita coisa do acidente, quando acordei, ela já tinha sido enterrada. Voltei para casa e, quando fui para o nosso quarto, vi a caixa com o teste de gravidez e um sapatinho. Ali, naquele momento, morri mais um pouco. Eu sei que meu comportamento com você não tem justificativa, eu não soube lidar com a notícia da sua gravidez, mas é que, na minha mente, tudo voltou. Me perdoe? — Terminei de falar, e Aysha se levantou do sofá e me abraçou, eu não esperava por esse abraço, confesso.

— Eu te perdoo, Miguel, mas nunca mais aja dessa forma comigo. Você não sabe quantas possibilidades passaram na minha mente.

— E você quer se casar comigo? — Ela colocou a mão no queixo, pensando.

— Claro que eu quero, seu bobo.

Tirei a caixinha com as alianças do bolso e coloquei em seu dedo, marcando o nosso compromisso. Aysha colocou o outro par no meu dedo e selamos o nosso amor.



Epílogo

Aysha Matos

Um ano depois...

Levantei-me, indo até a varanda, ouvindo risos do lado de fora da casa. Há pouco mais de dois meses me casei e resolvemos sair em lua de mel só agora, na casa de praia que o meu marido comprou. Miguelzinho tem apenas nove meses e já é bem esperto, é a paixão do pai.

Meu marido estava deitado na rede com o nosso filho, ele fazia barulhos com a boca, e nosso bebê sorria de forma engraçada. Peguei a câmera e capturei aquela cena, os dois homens da minha vida sorrindo um para o outro.

Resolvi ir até onde os dois estavam, coloquei um vestido de praia, amarrei os cabelos e saí, passando pela cozinha, pegando uma maçã e mordendo em seguida. Ao abrir a porta, o vento frio soprou em meu rosto, olhei para horizonte e contemplei a praia, as ondas grandes indo e vindo, alguns surfistas estavam pegando.

Me sentei ao lado da rede e meu filho começou a procurar o meu seio para mamar, peguei ele em meus braços e fiquei amamentando. Miguel adorava me ver amamentando nosso filho, quando Miguelzinho terminou de mamar, ele dormiu, coloquei ele sobre o meu peito e me deitei na rede. Ficamos nós três deitados, contemplando o silêncio.

Miguel se aproximou, cheirando o meu pescoço, sussurrando que me amava. Fechei os meus olhos, pegando no sono novamente.

Uma semana se passou desde que voltamos da casa de praia e Miguel tem se dedicado ao trabalho no ateliê, mas ele me ajuda muito com o nosso filho. Ele pintou alguns quadros infantis para a nova exposição.

Estava terminando de fazer a papinha para a introdução alimentar quando os dois chegaram à cozinha. Miguelzinho já engatinhava e sempre colocamos ele no andador para gastar as energias, que são muitas. Quando Melinda vem visitar o primo, eles pegam fogo juntos, ela é mais velha que ele dois anos, mas aprontam todas.

— Olha quem veio visitar a mamãe na cozinha. Adivinha quem está com fome? Nós dois. Esse carinha aqui está mexendo em tudo, derrubou os meus pincéis. Já disse que ele vai passar uma semana sem me visitar no trabalho. — Miguelzinho começou a gritar, reclamando. Como se entendesse alguma coisa.

Levei a comida para a mesa e coloquei as verduras no pratinho para o Miguelzinho comer. Com as mãos gordinhas, ele pegava os legumes, os amassando. Fez a maior sujeira, mas comeu e gostou, meu filho come de tudo, é tão lindo todo sujo de comida. Sou a mulher mais feliz desse mundo por tê-lo em minha vida, agradeço a Deus todos os dias pela família que ele me deu.

Semana que vem a minha mãe vem nos visitar. Ela só viu o neto duas vezes, quando ele nasceu e quando ele tinha seis meses. Mas nos falamos todos os dias por videochamada.

Terminamos de comer, Miguel ficou responsável pelas louças e fui dar banho no nosso filho. Depois coloquei ele em seu berço e ele dormiu. Voltei para o meu quarto para tomar um banho e meu marido estava deitado na cama; quando me viu, bateu no colchão, me chamando.

Seus olhos famintos não negavam o que ele queria. Deitei-me na cama e ele me puxou para mais perto do seu corpo, o safado

estava pelado.

— Amor, eu preciso de um banho. Estou fedendo — falei, soltando um gemido quando suas mãos desceram, tocando a minha vagina por cima da roupa.

— Deixa que eu te dou um banho, vem, vamos para a banheira.

Miguel me pôs em seus ombros e saiu me carregando até o banheiro. Me colocou no chão e foi tirando as minhas roupas. A banheira já estava cheia e com óleos essenciais para relaxar.

— Eu sei que anda trabalhando muito por esses dias. E pensei em te fazer massagem para você relaxar, está tensa demais, amor. — Enquanto massageava meu ombro, deixava pequenas mordidas, me fazendo contorcer.

— Miguel — com a voz embriagada de prazer, dizia o seu nome enquanto suas mãos desciam, tocando a minha entrada.

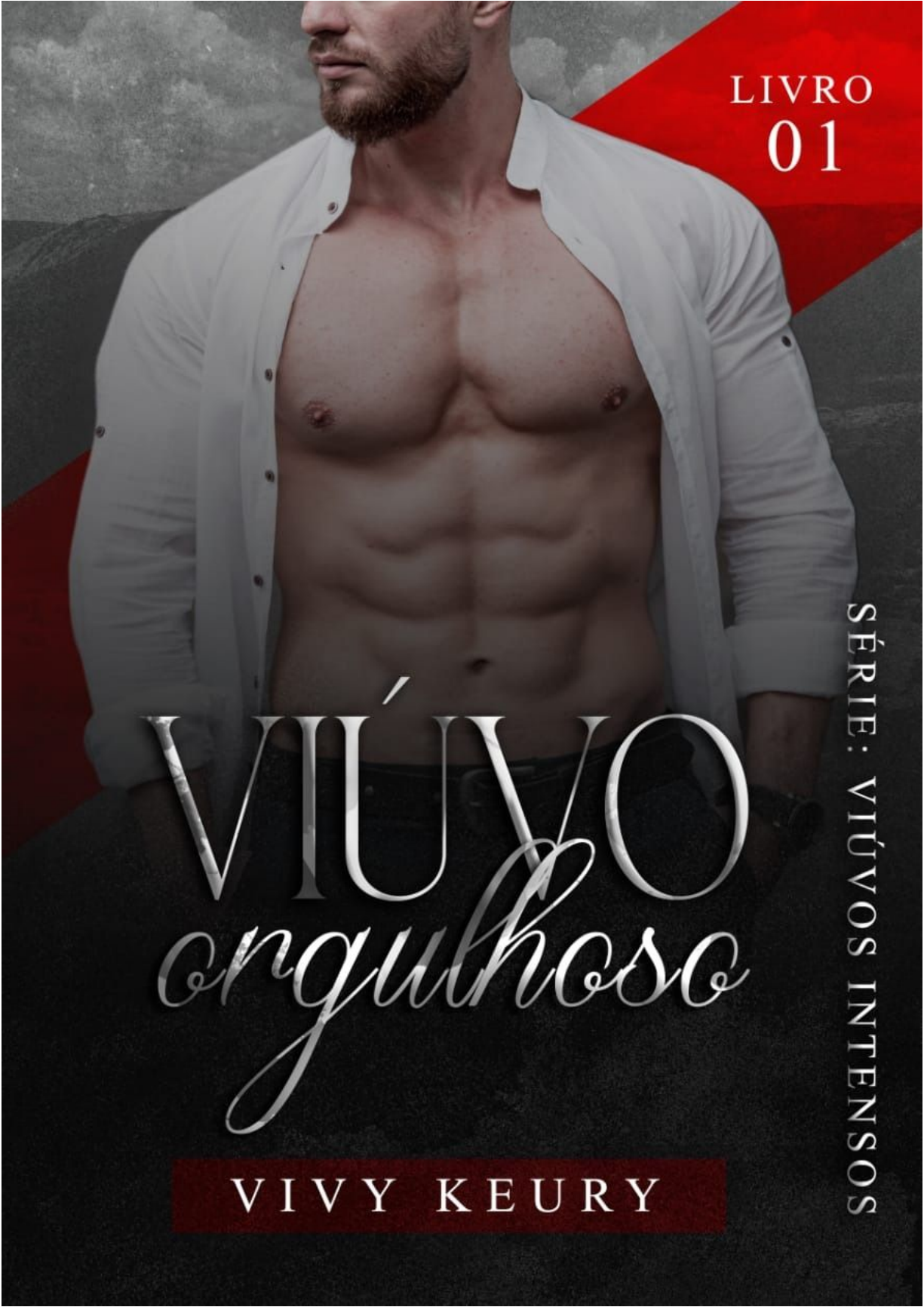
Joguei a cabeça para trás, gemendo, quando os movimentos ficaram mais acelerados, senti meu ventre contrair e me libertei.

— Eu amo você — Miguel sussurrou em meu ouvido, me fazendo sorrir.

— Eu também amo você. — Me virei para ele e começamos a nos beijar de forma apaixonada, como se fosse a primeira vez.

Fim

IREI DEIXAR A SINOPSE DOS OUTROS LIVROS
DA SÉRIE PARA VOCÊS CONHECEREM...



LIVRO
01

VIÚVO
orgulhoso

VIVY KEURY

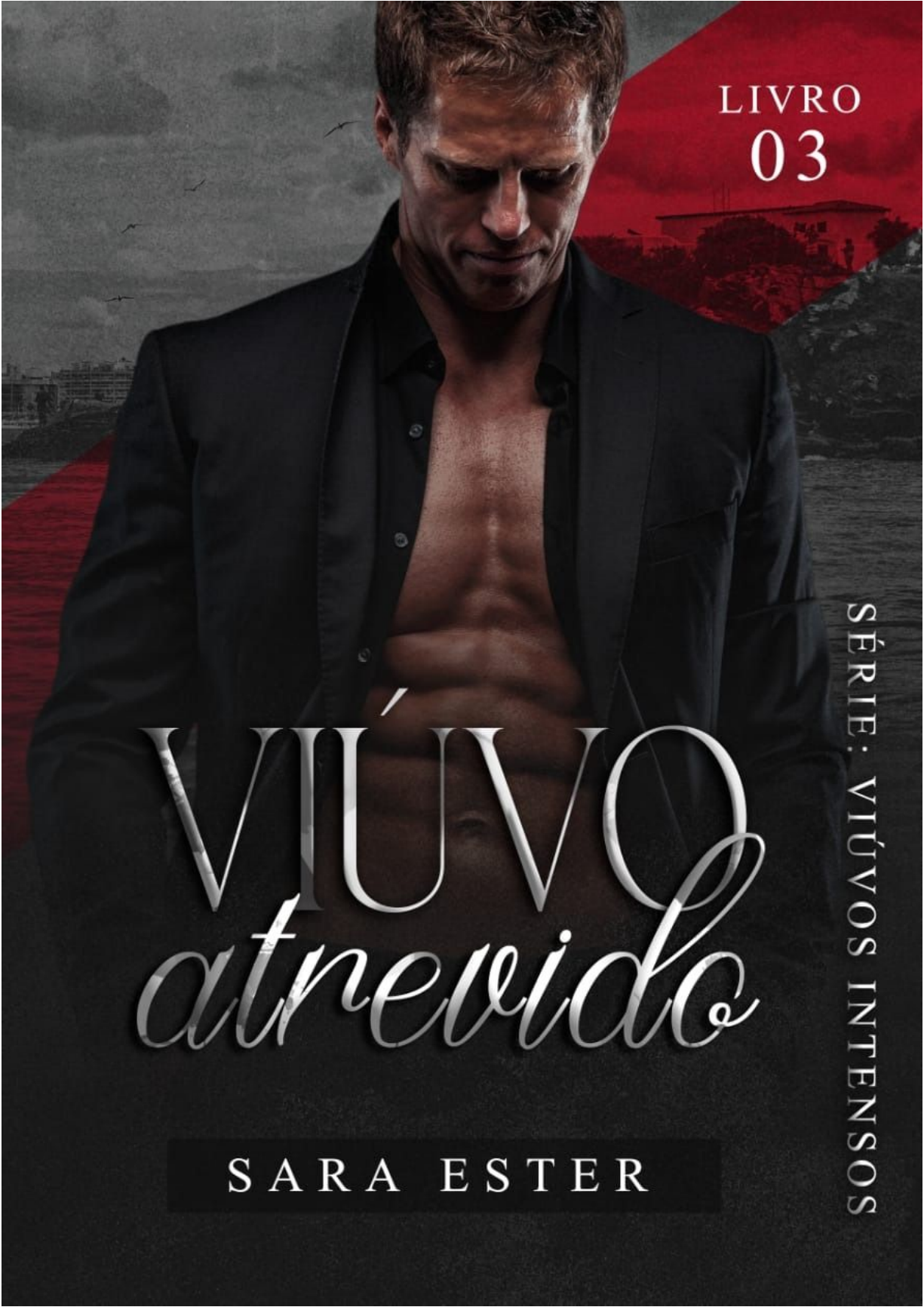
SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

VIÚVO ORGULHOSO – VIVY KEURY – LIVRO 1

CÉSAR MAZZA é um grande fazendeiro da cidade e dono de uma das maiores terras da região. Aos 38 anos, ele continuava preso em seu próprio mundo sombrio por conta de perdas dolorosas. Desde então, tentava diariamente lidar com toda a extensão da sua dor, mas sem sucesso.

JULIE ALENCAR é uma jovem estudiosa e sonhadora. Aos 24 anos, é o orgulho dos seus pais e o seu objetivo é crescer cada vez mais na vida, porém, sabe que isso só ocorrerá através de muito esforço.

Duas pessoas completamente diferentes e com objetivos distintos, no entanto, após um acidente, eles serão postos lado a lado. Uma coisa é certa: César e Julie terão uma forte missão, onde necessitarão aprender a lidar com suas diferenças até para terem uma convivência melhor. O que não contavam é que uma forte atração surgisse entre eles.



LIVRO
03

VIÚVO
atrevido

SARA ESTER

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

VIÚVO ATREVIDO – 3 SARA ESTER

SINOPSE

Arrogante e grosseirão.

Esses eram os dois adjetivos mais usados quando se referiam a Ravi Foster, o grande CEO da empresa Dream Architecture.

A dor pela recente perda da esposa amada destruiu completamente seu coração, tornando-o solitário, mesmo estando rodeado por uma multidão. Nem seu único filho conseguia arrancá-lo do limbo causado pelo luto.

Aos quarenta anos, Ravi carregava um longo histórico de lutas e conquistas, que inspirava alguns jovens arquitetos, como acontecia com Chloe Moore, a garota que era tão atrevida quanto ele.

Ela não deveria, mas mexia com ele de um jeito diferente e, isso começou a tornar as coisas confusas em sua mente, visto que ainda sofria pela perda da esposa.

A petulância de Chloe começou a instigá-lo a algo mais... o que foi se transformando em uma relação perigosa, sobretudo, pelo detalhe gritante da diferença de idade entre eles.

É possível um coração ferido se curar com um novo amor?

Agradecimentos

A você leitor que chegou até aqui. Muito obrigada por todo o carinho. Espero que a história de Aysha e Miguel te encante.

MARTA VIANNA

AUTORA DE ROMANCES

Marta Vianna é uma Paraense que mora em Manaus Amazonas. Sempre foi apaixonada por leituras, desde muito cedo começou a ler, era viciada em ler gibis, mas o que mais fascinava eram os livros de romances, não contente com alguns finais, resolveu escrever as suas próprias histórias. É uma pisciana sonhadora e escrever sempre foi o seu sonho.

Instagram da Autora

Facebook da Autora

<https://www.facebook.com/autora.mv.1>

Wattpad da Autora

https://www.wattpad.com/user/Marta_Vianna